



## **IV Seminário de Antropologia da UFSCar**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

# **Caderno de Resumos**

**SÃO CARLOS – SP**  
**De 20 a 23 de novembro de 2017**

## **SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA DA UFSCAR**

De 20 a 23 de novembro de 2017

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar)**

**Reitora:** Wanda Machado Hoffmann

**Vice-reitor:** Walter Libardi

### **Pró-reitoria de Pós-Graduação (ProPG)**

**Pró-reitora:** Audrey Borghi e Silva

### **Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH)**

**Diretora:** Maria de Jesus Dutra dos Reis

**Vice-diretor:** Ana Cristina Juvenal da Cruz

### **Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)**

**Coordenador:** Jorge Villela

#### **Comissão organizadora:**

Alexandre Branco; Allan Wine; Amanda Villa Pereira; Ana Cecília; Ana Elisa Santiago; André Rocha; Caio Monticelli; Clarice Cohn; Diego Thomáz; Estevão Chagas; Fábio Tuani; Fabrício Barretti; Gabriel Lopez; Gabriel Sanchez; Gabriela Loretti; Gabriela Santos; Gustavo Ramos; Gustavo Rubio; Iana Alvarez; Luciana Rudi; Luisa Fanaro; Luisa Maria Ferreira; Marianna Lahr; Maurício Caetano; Sarah Moreno; Sheiva Sorensen; Taíse Chates; Túllio Maia.

#### **Nota de agradecimento:**

O IV Seminário de Antropologia da UFSCar é o resultado do trabalho e empenho de muitas pessoas que se envolveram e engajaram para fazer com que este evento acontecesse após três anos de sua última edição. Somos gratos por todo o apoio que recebemos durante esses árduos meses de organização, em especial: à Comissão Organizadora, composta por discentes do PPGAS da UFSCar que, diante do cenário nacional de crises política e econômica, cortes de investimento em educação e pesquisas científicas e, diante, ainda, de todas suas obrigações como corpo discente deste PPGAS, reuniu esforços para que este Seminário pudesse se concretizar; à docente Clarice Cohn, que se dispôs, desde o início, a compor a Comissão Organizadora como docente responsável e nos auxiliou em muitos aspectos, sobretudo burocráticos, assim como o docente Jorge Villela, coordenador do Programa; aos demais docentes do PPGAS – UFSCar, que foram propositivos e também solícitos ao aceitarem os convites para compor a programação de mesas, além de disponibilizarem os espaços de suas aulas para a realização do Seminário; também ao CECH, ProPG e ao PPGAS da UFSCar por contribuírem financeiramente para a consolidação deste evento; aos discentes e docentes internos e externos à UFSCar, que prontamente aceitaram os convites para compor a programação como debatedores de GTs, participantes de Mesas, e ministrantes de Minicursos; ao diretor chefe do LIDEPS (Laboratório Integrado de Documentação e Estatísticas Políticas e Sociais), Marcelo Coutinho Vargas, por ceder o espaço do mesmo para a realização das atividades do Seminário, e por auxiliar na divulgação; ao DFMC (Departamento de Filosofia e Metodologias das Ciências) por também acomodar nossa programação; a todos os participantes, expositores e ouvintes, responsáveis pela composição de mais um evento de discussões antropológicas. Sobretudo, agradecemos ao secretário Fábio Urban e à estagiária Aldrey Oliveira, junto das demais funcionárias e funcionários terceirizados que de maneira direta ou indireta compartilham deste espaço conosco e são parte fundamental de seu funcionamento.

**Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social:** [www.ufscar.br/ppgas](http://www.ufscar.br/ppgas)

**IV Seminário de Antropologia da UFSCar:** <https://ivsaufscar.wixsite.com/ivsaufscar>

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>06</b>
<b>MESAS</b> .....	<b>07</b>
Mesa de abertura: "Reconhecimentos e políticas de equidade racial na pós-graduação" ....	<a href="#">07</a>
Mesa comemorativa: "PPGAS-UFSCar 10 anos" .....	<a href="#">08</a>
Mesa Temática 1: "Rio Negro em debate: diálogos e perspectivas" .....	<a href="#">08</a>
Mesa Temática 2: "Antropologia, Migrações e Deslocamentos" .....	<a href="#">08</a>
Mesa Temática 3: "As políticas das gentes e suas lutas anticonfiscatórias" .....	<a href="#">10</a>
Mesa de encerramento: "10 anos de PPGAS-UFSCar: a crise e os papéis e desafios de antropólogos e antropologias no Brasil" .....	<a href="#">07</a>
<b>CONFERÊNCIA</b> .....	<b>11</b>
"Sem conclusão: consequências analíticas da etnografia longitudinal" .....	<a href="#">11</a>
<b>GRUPOS DE TRABALHO</b> .....	<b>12</b>
<b>GT 1: "Religiões no Mundo Contemporâneo" (Sessão única)</b> .....	<a href="#">12</a>
▪ As experiências da saúde e da doença em meio às práticas religiosas .....	<a href="#">12</a>
▪ As cirurgias espirituais no instituto de medicina do além em Franca-SP .....	<a href="#">12</a>
▪ O <i>trabalho</i> e a comunidade espírita na produção de fitoterápicos .....	<a href="#">12</a>
▪ A cura e a bênção dos sacerdotes de viola .....	<a href="#">13</a>
▪ "Descanse em paz": o enfraquecimento da religiosidade e sua relação com o processo de ressignificação da morte .....	<a href="#">13</a>
▪ Caindo na estrada: Kardecismo fora de Centro ou para além do "Sistema Ritual" .....	<a href="#">13</a>
<b>GT 2: "Grafia, Arte e Imagem na Antropologia"</b> .....	<a href="#">13</a>
<b>Sessão 1</b> .....	<a href="#">14</a>
▪ Olhares sobre a dimensão política da hibridez nas culturas de expressões artísticas dançantes .....	<a href="#">14</a>
▪ Imagens e memória entre os Kagwahiva .....	<a href="#">14</a>
▪ As redes de socialidade do Godidigo kadiwéu: entre o "escrever sobre" e o "escrever em" .....	<a href="#">15</a>
▪ Vamos lá criança: A câmera como um artefato dotado de agência na produção de um filme etnográfico com as crianças Kalapalo .....	<a href="#">15</a>
▪ Entre arte e ritual: Desafios colocados por corpos em movimento .....	<a href="#">15</a>
▪ Falar com movimentos, enxergar com o tato: Uma reflexão sobre as formas de observar e descrever na Antropologia, a partir das imagens de uma etnografia sobre o tango dançado .....	<a href="#">16</a>
<b>Sessão 2</b> .....	<a href="#">16</a>
▪ Música e vídeo: reflexões sobre o uso de vídeos em uma etnografia de um grupo musical .....	<a href="#">16</a>
▪ Vidinha de balada: um olhar antropológico da balada sertaneja universitária .....	<a href="#">16</a>
▪ Bailinho, doces e travessuras: uma etnografia do clube de música eletrônica .....	<a href="#">16</a>
▪ Entre a ciência e a arte: a imagem da histeria pelo olhar de Charcot .....	<a href="#">17</a>
▪ Transformação estrutural ou tradução intersemiótica? Esboço de um programa .....	<a href="#">17</a>
▪ Desenhos da população em situação de rua no centro do Rio de Janeiro: construção de narrativas e alfabetização .....	<a href="#">17</a>
<b>Sessão 3</b> .....	<a href="#">18</a>
▪ Feito de papel: agência na obra de Gabriel Góes .....	<a href="#">18</a>
▪ Fotografia de rua e etnografia .....	<a href="#">18</a>
▪ TwitteRelatos por la Identidad: ilustrações e palavras que criam laços de parentesco ..	<a href="#">18</a>
▪ O discurso etnobiografico: A escrita da vida no documentário Estamira .....	<a href="#">19</a>

▪ Onde esta Olly? .....	<a href="#">19</a>
<b>GT 3: “Olhares etnográficos sobre os indígenas no estado de São Paulo” (Sessão única) .</b>	<a href="#">19</a>
▪ “Aqui tem mais cachorro do que índio”: relações humano-animal entre os Mbya-Guarani no Jaraguá (São Paulo/SP) .....	<a href="#">19</a>
▪ Contextos de Autodemarcação da Terra Indígena Tekoá Mirim: a Cosmopolítica e o Nhanderekó elaborados como formas de luta Mbyá Guarani .....	<a href="#">20</a>
▪ O tempo dos sonhos e o marco temporal: dos territórios que os Tupi Guarani nunca deixaram de ocupar .....	<a href="#">20</a>
▪ Terena e Guarani na reserva indígena de Araribá: um estudo etnográfico da aldeia Tereguá .....	<a href="#">20</a>
▪ O Txondaro Jeroky: em busca do fortalecimento e leveza dos guerreiros Tupi Guarani	<a href="#">21</a>
<b>GT 4: “Antropologia, Gênero e Sexualidade” .....</b>	<a href="#">21</a>
<b>Sessão 1 .....</b>	<a href="#">21</a>
▪ Deus ajuda quem cedo madruga: a dor a partir das experiências de mulheres adoecidas no trabalho .....	<a href="#">21</a>
▪ É Menino ou Menina? Notas Sobre Ansiedades de Gênero, Sexualidade e Deficiência	<a href="#">22</a>
▪ Como você se sente? Algumas reflexões sobre os usos, posturas e tratamento de homossexuais negros operando aplicativos de relacionamento: grindr e hornet .....	<a href="#">22</a>
▪ O consumo dos espaços e as formas de sociabilidade da comunidade lgbt do município de Araraquara .....	<a href="#">22</a>
▪ Os garotos da ilha do(s) Amor(es): boys maranhenses, trânsito(s) e mercado(s) do sexo .....	<a href="#">22</a>
▪ O tráfico de pessoas a partir da perspectiva das práticas estatais: documentos e discursos institucionais na mira .....	<a href="#">23</a>
<b>Sessão 2 .....</b>	<a href="#">23</a>
▪ A narrativa de uma mulher idosa frequentadora do CRAS .....	<a href="#">23</a>
▪ As mulheres na China: da política do filho único ao aborto e infanticídio .....	<a href="#">24</a>
▪ “Mas essa pessoa não é de fofoca”: notas sobre o conceito de fofoca a partir de um evento conversacional “LGBT” .....	<a href="#">24</a>
▪ Ele não sabia nada e elas ensinaram tudo: A agência feminina no processo de humanização .....	<a href="#">24</a>
▪ A homossexualidade sob a lente espírita: uma imersão etnográfica em uma casa espírita de São Carlos .....	<a href="#">24</a>
▪ Performance em Insurgência: “É pra Copiar ou Reescrever?” .....	<a href="#">25</a>
<b>GT 5: “Práticas Esportivas e Corporalidade” (Sessão única) .....</b>	<a href="#">25</a>
▪ Samba em competição: corpo e dança no carnaval paulistano .....	<a href="#">25</a>
▪ Entre a esportificação e a militarização: artes marciais e violência no adestramento policial militar .....	<a href="#">26</a>
▪ Cavaleiros, lembranças e pegadas de boi no sertão de Pernambuco .....	<a href="#">26</a>
▪ O que as flechas do Kyudo e a etnia Potiguara nos contam no seu trajeto entre passado e presente em suas cerimônias e rituais .....	<a href="#">26</a>
▪ Meu corpo, minhas regras (médicas?): etnografia, comunidades virtuais e a representação dos corpos entre pacientes de cirurgia bariátrica .....	<a href="#">27</a>
<b>GT 6: “Raça e Etnia” .....</b>	<a href="#">27</a>
▪ O branco e o colorido: nomes e etnônimos dos falantes de língua Karib do Alto Xingu	<a href="#">27</a>
▪ “Todo mundo aqui é negro!”: identidades e significados na construção da pauta política do genocídio negro .....	<a href="#">27</a>
▪ Impasses no reconhecimento dos índios como sujeito de direitos: uma análise crítica do direito indigenista .....	<a href="#">28</a>

▪ O refúgio da loucura: raça e etnia em um serviço de saúde mental para refugiados na cidade de São Paulo .....	<a href="#">28</a>
▪ Sou médico, negro e migrante: reflexões sobre o filme “bemvindo a Marly Gomont .....	<a href="#">28</a>
▪ Suicídio e memória: Manejando as relações de vida e morte, entre os Karajás de Ibutuna .....	<a href="#">29</a>
<b>MINICURSOS .....</b>	<a href="#">29</a>
Minicurso 1: “Etnografias multiespécies: humanos e não humanos em engajamento” .....	<a href="#">29</a>
Minicurso 2: “Caos Criador: antropologia, filosofia, magia e arte como ferramentas de criação de si mesmo e de novos mundos” .....	<a href="#">30</a>
Minicurso 3: “Normas ABNT e introdução aos softwares de gerenciamento de citações e bibliografia” .....	<a href="#">30</a>

## Apresentação

Diante da instabilidade dos presentes dias, cuja magnitude de uma escalada de golpes que promovem golpes nos atinge de maneira espantosa, é com muito entusiasmo e satisfação que o IV Seminário de Antropologia da UFSCar chega até nós. E a hora é boa. Após três anos de sua última realização, a atual edição também se consolida como uma celebração aos 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, no qual um quadro de comprometidas funcionárias e funcionários vêm, com empenho, trabalhando em conjunto para sua crescente melhora e fortalecimento. Nesse sentido, nós da equipe organizadora acreditamos que eventos como este, agenciado pelo próprio corpo discente, em parceria com as e os docentes, se ergue como momento privilegiado para a exposição, reflexão e o debate de temas e questões pontuais em nossas áreas de atuação. Da mesma forma, mesmo com concretas dificuldades financeiras, proporciona uma ampliação das redes de conexões que aproximam as diversas pessoas interessadas nos assuntos aqui abordados e trabalhados.

Portanto, visto o potencial enriquecedor deste evento, optamos por estruturá-lo da seguinte maneira: a mesa de abertura discutirá os reconhecimentos e as políticas de equidade racial na pós-graduação, desfrutando da oportuna data, a mesma em que se celebra o Dia da Consciência Negra. Posteriormente, durante a parte da manhã de cada dia, haverá a apresentação de uma Mesa Temática, em que assuntos de expressiva relevância para o debate antropológico serão tratados, em geral explorando o trabalho desenvolvido por nosso corpo docente. Para o período da tarde, selecionamos um conjunto diverso de seis Grupos de Trabalho e três Minicursos; por fim, para o encerramento de cada dia do evento, ocorrerá no período da noite a exposição de mesas e também de uma conferência, nas quais os temas abrangem tanto os 10 anos de vida do PPGAS quanto desafios etnográficos e propostas analíticas que se fazem presentes e estão por vir. Como desfecho, o IV Seminário de Antropologia da UFSCar convida todas as pessoas, participantes e entusiastas, para uma festa de confraternização planejada com muito apreço, onde poderemos brindar mais uma conquista.

Nós, da comissão organizadora, desejamos um ótimo evento a todas e todos!

## Mesas

### **Mesa de abertura – “Reconhecimentos e políticas de equidade racial na pós-graduação”**

Segunda-feira, 20/11, às 19h  
Local: Auditório Bento Prado Jr.

Participantes: Dagoberto Fonseca (Unesp), Yara Alves (USP), Jorge Vilella (UFSCar) e Gabriela Nunes (UFSCar)

Mediadora: Prof. Dra. Clarice Cohn (UFSCar)

A mesa surge com a intenção de tornar visíveis as lutas do movimento negro por equidade. No contexto da pós-graduação há demandas por políticas de inserção de negras e negros nas mais diversas áreas de produção científica e na antropologia não é diferente. Nesse sentido, são fundamentais diálogos que contemplem questões como racismo institucional, políticas de inserção e permanência, reparação e equidade. A partir de revisões históricas, relatos e análises a mesa incita reconhecimentos. Com a comemoração de 10 anos do PPGAS/UFSCar e do Dia da Consciência Negra, a proposta da mesa é de trazer esse campo de discussão/ação para o Programa, e assim rever o fazer acadêmico vislumbrando uma universidade acolhedora da diversidade que tem sido tema de reflexão e atuação na antropologia.

### **Mesa comemorativa – "PPGAS-UFSCar 10 anos"**

Terça-feira, 21/11, às 19h  
Local: Auditório Bento Prado Jr.

Participantes: Bela Feldman-Bianco (Unicamp), Marina Cardoso (UFSCar), Piero Leirner (UFSCar)

Coordenador: Maurício Caetano (UFSCar)

Em comemoração da primeira década do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFSCar serão expostos os trajetos de criação e consolidação de um programa de pesquisa em antropologia, seus contextos e desafios.

### **Mesa de encerramento – “10 anos de PPGAS-UFSCar: a crise e os papéis e desafios de antropólogos e antropologias no Brasil”**

Quinta-feira, 23/11/2017, às 19h  
Local: Auditório Departamento de Ciências Sociais (DCSo)

Participantes: Adalton José Marques (UNIVASF), Antonio Guerreiro (Unicamp), Camila Mainardi (UFG), Danilo Souza (UESB), Maria Carolina de Araujo (UEL)

Mediador: Piero Leirner (UFSCar)

A conferência de encerramento do IV Seminário de Antropologia da UFSCar tem como proposta explorar a história do PPGAS UFSCar, desde sua criação até os dias atuais. Numa reflexão mais ampla sobre a antropologia brasileira como um todo, propõe-se, também, pensar no(s) papel(eis) que a antropologia e antropólogos terão a cumprir diante do atual cenário pós-golpe: quais dos inesgotáveis caminhos da antropologia brasileira permanecem seguros? Comporão a mesa ex-alunxs do PPGAS UFSCar, que, ao compartilharem sucintamente suas trajetórias de pesquisa, compartilharão também os desafios do fazer antropológico que estão encarando, hoje, no Brasil: o corte de verbas na ciência e na educação e a própria perspectiva de criminalização da antropologia. As maneiras como as trajetórias acadêmicas de antropólogos formados pelo

PPGAS correlacionam-se ao atual cenário do Brasil é de interesse da comunidade acadêmica como um todo.

## Mesas Temáticas

### MT 1 - Rio Negro em debate: diálogos e reflexões

Terça-feira, 21/11/2017, às 9h

Local: Auditório do Departamento de Filosofia e Metodologias das Ciências

Participantes: Aline Iubel (UFSCar), Melissa Oliveira (UFSCar), Pedro Lolli (UFSCar)

Mediador: Geraldo Andreollo (UFSCar)

Coordenadores: Caio Monticelli (UFSCar), Gabriel Sanchez (UFSCar)

A área etnográfica do rio Negro, noroeste amazônico, será apresentada através das linhas de pesquisa de três antropólogos que atuam há muitos anos nessa região. Desta forma, cada qual fará uma apresentação de seus temas de interesse e pesquisa junto aos povos que trabalham. Assim, a mesa será composta por:

**Índios partidos: filiações, campanhas e eleições no Alto Rio Negro** (Aline Iubel) - desenvolve pesquisas na área de territorialidades e gestões no alto RN; possui doutorado em Antropologia Social pela UFSCar com a tese Transformações políticas e indígenas: movimento e prefeitura no alto RN (2015).

**Algumas reflexões sobre gênero** (Melissa Oliveira) - desenvolve pesquisas na área de gênero e conhecimento entre os Tukano do alto RN; possui doutorado em Antropologia Social pela UFSC com a tese Sobre casas, pessoas e conhecimentos: uma etnografia entre os Tukano Hausirõ e Ñahuri porã, do médio Rio Tiquié, Noroeste Amazônico (2016).

**A plasticidade Maku** (Pedro Lolli) - desenvolve pesquisas na área de práticas e saberes, xamanismo e política; possui doutorado em Antropologia Social pela USP com a tese As redes de trocas rituais dos Yuhupdeh no Igarapé Castanha, através dos benzimentos e das flautas Jurupari (2010).

Geraldo Andreollo (debatedor) - desenvolve pesquisas na área de história e situação contemporânea das sociedades indígenas no norte amazônico e nas questões socioambientais com as quais as organizações indígenas vêm se envolvendo desde a década de 1990. Nesse campo, atuou como assessor da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) entre 1994 e 2008, colaborando em inúmeros convênios e projetos ambientais e culturais que essa organização desenvolve junto a vários grupos indígenas do Rio Negro, com apoio de órgãos de governo e agências internacionais; possui doutorado em Antropologia Social pela UNICAMP com a tese Iauaretê: transformações sociais e cotidiano no rio Uaupés, alto rio Negro (2004).

### MT 2 – Antropologia, Migrações e Deslocamentos

Quarta-feira, 22/11/2017, às 9h

Local: Auditório do Departamento de Filosofia e Metodologias das Ciências

Participantes: Gil Vicente (Unicamp), Victor Hugo Kebe (UFSCar), Alexandra Gomes de Almeida (UFSCar)

Mediador: Igor José de Renó Machado (UFSCar)

Coordenadores: Gabriel Lopez (UFSCar), Fabrício Barretti (UFSCar)



Esta mesa visa estimular uma perspectiva comparativa e global de deslocamentos para analisar os interstícios de poder e dominação na produção de desigualdades e suas relações com as violências do Estado no âmbito do Capitalismo global contemporâneo. O diálogo é encorajado entre as etnografias que lidam com diferentes deslocamentos (despejos, deportações, remoções, migrações etc.). Estamos particularmente interessados em discutir as formas concretas pelas quais múltiplos regulamentos que são realizados por diferentes agências, não apenas o Estado, limitam certos deslocamentos ou instigam outros. Estamos interessados, também, nas estratégias das populações afetadas para construir resistências.

### **Vidas deslocadas e Japonêsidades - um olhar outro (Gil Vicente)**

Aproveitando a temática geral do grupo de trabalho em torno de uma perspectiva comparativa dos deslocamentos no sentido de analisar os interstícios de poder e das múltiplas dominações na produção de desigualdades e suas relações com as violências do Estado no âmbito do Capitalismo global contemporâneo, minha apresentação lançará luz sobre o conceito de japonêsidade de um ponto de vista etnográfico, traçando algumas linhas nas quais tal conceito pode ser útil nas análises atuais sobre as desigualdades em situação de migração para o Japão. Também estou particularmente interessado nas formas pelas quais alguns migrantes oferecem resistências e modos de se transformar de forma a oferecer uma resistência efetiva por meio de um tornar-se outro. Portanto, essa será a linha geral de minha apresentação, ou seja, a busca de um olhar outro para o tornar-se.

### **A Porta dos Espíritos: um estudo sobre o Altar dos Antepassados nas casas okinawanas (Victor Hugo Kebbe)**

A presente fala discute a intrincada relação entre Deslocamento, Parentesco e Religião entre os descendentes de okinawanos na cidade de São Paulo, capital. Atualmente na sétima geração, esses descendentes são continuamente confrontados com percepções de família e tradições de Okinawa, Japão, mostrando os efeitos de um fluxo migratório entre os dois países que tem mais de 100 anos. Pretendo discutir o ritual do Culto aos Antepassados e a centralidade do Altar Familiar nas casas okinawanas, práticas e itens encontrados não só em Okinawa, como também no Brasil. Procuo demonstrar como o ritual e seu altar são maneiras de acesso privilegiadas para compreendermos a cosmologia okinawana em funcionamento, além de apontar as transformações e processos de ressignificação de práticas entre os descendentes mais jovens. Distendidos no tempo e espaço, esses novos descendentes de okinawanos precisam revisitare tradições antigas, dotando-as de novos e únicos significados dentro de sua experiência no Brasil.

### **Refúgio e imigração em São Paulo. Uma análise do atual cenário imigratório no Brasil através da perspectiva de mulheres solicitantes de refúgio e refugiadas (Alexandra Gomes de Almeida)**

Apresentação tratará dos resultados parciais da pesquisa de doutorado cujo objetivo é analisar uma das faces do atual contexto imigratório no Brasil, a presença de mulheres africanas solicitantes de refúgio e refugiadas – sendo a maioria delas da República Democrática do Congo, Angola e Nigéria na cidade de São Paulo. Através da etnografia busca-se analisar os meios pelos quais estas mulheres acessam as recentes políticas públicas brasileiras voltadas para imigrantes. Embora, o cenário político demonstre avanços legislativos em defesa e proteção à população imigrante, as políticas públicas municipal e nacional ainda não são satisfatórias para o acolhimento de refugiados e inserção de imigrantes. E as contradições do acesso às políticas e as lacunas legislativas presentes na questão imigratória brasileira ficam evidentes neste objeto de investigação. Portanto, mediante exemplos e experiências vivenciadas pelas mulheres africanas esta exposição buscará problematizar algumas experiências pelas quais estas mulheres enfrentam no acesso aos direitos.

Igor José de Renó Machado (debatedor) – Possui graduação em Ciências Sociais (1994), mestrado em Antropologia Social (1997) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade

Estadual de Campinas (2003). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos e pesquisador do Centro de Estudos de Migração Internacional. É coordenador do grupo de pesquisa CNPq "Antropologia das migrações", sediado no Laboratório de Estudos Migratórios, do qual é criador e coordenador.

### **MT 3 - As políticas das gentes e suas lutas anticonfiscatórias**

Quinta-feira, 23/11/2017, às 9h

Local: Auditório do Departamento de Filosofia e Metodologias das Ciências

Participantes: Karina Biondi (UFSCar), Yara de Cássia Alves (USP), Thaís Mantovanelli (UFSCar), Suzane Vieira (UFG)  
Mediador/Coordenador: Jorge Villela (UFSCar)

Esta mesa é o resultado de um artigo que se intitula "Ecologias Políticas das multidões". Este artigo mostrava como, em quatro etnografias, as suas autoras descreviam as formas, as práticas e os conjuntos conceituais elaborados por quatro formações sociais, distantes e heterogêneas entre si, contra o fim do mundo que os acossava muito de perto ou que já havia passado sob os seus pés e sobre as suas cabeças. A força de exaustão, no duplo sentido da palavra (extração e cansaço), dos modos contemporâneos de extração e gasto de energia conduzem à liquidação completa de modos de vida e dos territórios existenciais que não estejam submetidos a esse grande esquema heteromórfico que estabelece para o planeta uma nova face (ou era geológica) a que a geologia passou a dar o nome (impreciso) de Antropoceno. Essa mesa, composta pelas quatro autoras das etnografias citadas pelo artigo, esclarece que o problema não é o de uma espécie, mas o de uma civilização e que outros modos de vida são possíveis em meio à luta contra a calamidade que nos aguarda caso não consigamos construir uma outra intensidade e a constituição de outras linhas de existência.

#### **Narrativas Mëbengôkre-Xikrin: a importância do fluxo das águas contra o barramento do rio Xingu (Thais Mantovanelli)**

Em audiência pública ocorrida na cidade de Altamira dia 21 de março de 2017, que discutiu as situações atuais de impactos os modos de vida de povos indígenas e ribeirinhos da região da Volta Grande do Xingu resultante do processo de licenciamento e construção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, Bebere Bemarai Xikrin afirmou que os mapas produzidos pelos empreendedores não evidenciam a existência dos povos nas regiões onde desejam instalar suas ações. Segundo ele, esses mapas aparecem vazios, "como se não tivesse mesmo ninguém ali". A proposta de minha apresentação é partir da afirmação de Mukuka, como é conhecido, sobre o processo de obliteramento dos povos indígenas em relação aos projetos de desenvolvimento voltados ao crescimento econômico nacional com o objetivo de evidenciar narrativas etnográficas de homens e mulheres Mëbengôkre-Xikrin sobre o problema do barramento e da barragem do rio Xingu relacionando-o ontológica e epistemologicamente com a estatização como fim da vida.

#### **Uma ética que é disciplina: formulações contra-conceituais (Karina Biondi)**

Os conceitos de ética e de disciplina, como se sabe, já foram intensa e extensamente trabalhados por diversos autores nas Ciências Humanas, no geral, e na Filosofia, em particular. Entretanto, nesta apresentação abordarei outra formulação acerca dessas noções, uma formulação que vem das ruas e das prisões do Estado de São Paulo e que é realizada por meio da prática etnográfica. Por meio de descrições de situações vivenciadas em trabalho de campo, intercaladas com as reflexões e conexões que tais situações me suscitaram, abordarei ética e disciplina não como conceitos no interior do debate das ciências humanas, mas como formulações contra-

conceituais, centrais na condução das existências dessas pessoas que transitam entre as ruas e prisões de São Paulo.

### **Desestabilizações etnográficas: As teorias quilombolas na contramão das classificações** (Yara Alves)

A partir de experiências etnográficas com comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha-MG, gostaria de expor algumas das políticas existenciais que são ali exercitadas. O objetivo é demonstrar como as teorias locais sobre a “vida” e seus percursos vão na contramão de uma série de classificações generalizantes, a partir das quais são enquadrados pelo Estado, pela mídia ou pela academia. Assim, o movimento da “vida” e do “mundo” descortina cosmopolíticas particulares, contrapostas a outros tipos de existência, mais fixos e estáveis.

### **Micropolíticas quilombolas da resistência: ecologias divergentes e lutas emergentes** (Suzane de Alencar Vieira)

Esta comunicação busca experimentar uma tradução ativa do sentido da “diferença” que não se reduz a um quadro cultural ou identitário e se abre para apreensão de mundos divergentes, em uma acepção cosmopolítica. Importa aqui colocar em perspectiva as práticas ecológicas das comunidades quilombolas de Caetité-BA, a partir de suas objeções a formas capitalistas de produção, controle e apropriação da água e da terra. A proposta é refletir sobre como a consideração da diferença em termos de uma articulação ecológica divergente pode permitir reproblematicar as lutas de resistência dessas comunidades.

Jorge Villela (debatedor) – Graduado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Nova de Lisboa (1992), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional-UFRJ (2003). Pós-doutorado no Departamento de Antropologia na Universidade de Edimburgo. Atualmente é professor Associado 1 da Universidade Federal de São Carlos, Pesquisador nível 2 do CNPq, co-líder do núcleo de pesquisa Hybris e coordenador do Laboratório de Estudos sobre os Agenciamentos Prisionais (LEAP). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Política. Atua principalmente nos seguintes temas: política, antropologia, violência, família e teoria antropológica.

## **Conferência**

### **"Sem conclusão: consequências analíticas da etnografia longitudinal"**

Quarta-feira, 22/11/2017, às 19h

Local: Auditório do Departamento de Ciências Sociais

Participante: Line Dalsgård (Aarhus University)

Mediador: Felipe Vander Velden (UFSCar)

Esta conferência versa sobre as pontas soltas da vida e da análise, que se tornam muito evidentes quando se retorna ao mesmo contexto etnográfico depois de muitos anos de ausência. Eu cheguei em Recife pela primeira vez em 1997 para realizar a pesquisa de campo para meu Doutorado sobre esterilização feminina. Hoje, tanto eu quanto minhas informantes envelhecemos, e nossas perspectivas sobre a vida mudaram. Refletindo sobre as consequências analíticas deste trabalho de campo longitudinal, busco conduzi-los através das vidas de algumas

dessas mulheres e de seus pensamentos quanto à possibilidade de dizer algo conclusivo sobre a questão.

## **Grupos de trabalho**

### **GT 1 – Religiões no mundo contemporâneo**

**Sessão única** (21/11 - terça-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedores: Hugo Soares (LAR – Laboratório de Antropologia da Religião/Unicamp) e Adriano Godoy (LAR – Laboratório de Antropologia da Religião/Unicamp)

Local: AT 2 – Sala 30

#### **1 - As experiências da saúde e da doença em meio às práticas religiosas (Ana Paula Santos Horta; Tatiane Pereira de Souza; Luiz Ricardo de Souza Prado)**

O presente trabalho tem por intuito discutir, a partir dos referenciais teóricos da antropologia da saúde e dos estudos de religião, quais significados são agenciados nas práticas religiosas que visam produzir alguma forma de intervenção sobre os processos de saúde e tratamento de doenças. Para isso, a partir de revisões bibliográficas e etnografias, procuramos discorrer sobre como é agenciada a experiência da saúde e as práticas de cura e de tratamento de doenças em religiões tradicionais de raízes europeias e africanas no Brasil, tais como no Candomblé, na Umbanda e nas práticas terapêuticas e nos milagres atribuídos aos santos do catolicismo popular. Também queremos discorrer sobre a pertinência da experiência religiosa em uma instituição de saúde mental. Assim, apontamos que a vivência religiosa pode ressignificar a experiência da doença, produzindo leituras dos processos de saúde e de doença que diferem daquelas informadas por formas e instituições oficiais da medicina convencional. Contudo, espera-se contribuir para a ampliação e problematização das formas terapêuticas e preventivas do cuidado e da saúde dentro desses espaços religiosos, que visam não somente o cuidado ao corpo, mas ao espírito encarnado em sua dimensão religiosa, mas também social.

Palavras-chave: doença, religião, saúde.

#### **2 - As cirurgias espirituais no instituto de medicina do além em Franca-SP (James Washington Alves dos Santos, Juliana de Aquino Mendonça, Sérgio Baetta Ferreira)**

No presente trabalho iremos apresentar a casa espírita denominada Instituto de Medicina do Além em Franca-SP e o trabalho de cirurgia espiritual realizada pelo médium João Berbel. Para isso faremos uso dos relatos de experiências de indivíduos de diversos estratos sociais que atuam na casa espírita no auxílio das práticas da cirurgia espiritual e que já passaram por esta experiência enquanto pacientes. Nesse sentido, daremos ênfase a relação deste líder carismático com os grupos que estão em seu entorno, gerando reconhecimento e um sistema de troca de dádivas importantes do espiritismo kardecista (o que envolve os conceitos de caridade e mediunidade e as obrigações de dar, receber e retribuir). O instituto de Medicina do Além desenvolve diversas atividades, desde palestras, estudos sobre a doutrina espírita, trabalhos de desobscussão, evangelização com crianças e a prática de cirurgia espiritual realizada por João Berbel, que é auxiliado segundo a crença espírita pelo seu mentor, o espírito do Dr. Ismael Alonso Alonso, que foi médico na cidade de Franca no século XX. Neste sentido, fizemos uso dos relatos dos colaboradores do centro, coletados através de entrevistas semiestruturada, bem como o uso das teorias de Weber sobre a ideia de carisma e da troca de dádivas de Marcel Mauss.

Palavras-Chave: Espiritismo. Cirurgia Espiritual. Mediunidade.

#### **3 - O trabalho e a comunidade espírita na produção de fitoterápicos (Rafaela Romano)**

O mundo contemporâneo coloca inúmeros desafios à compreensão dos fenômenos religiosos, em Araxá, município de Minas Gerais, um grupo espírita formado por médicos, raizeiros, biólogos, químicos, mateiros entre outros agentes, realiza a produção de remédios fitoterápicos e a conservação de sua matéria prima numa Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), distribuindo-os gratuitamente para a comunidade da região. O processo inclui: plantio de espécies medicinais do cerrado, a manutenção da reserva, a identificação de plantas medicinais, multiplicação das espécies, produção de exsiccatas para estudos, o trabalho espiritual com pessoas e espíritos que chegam pedindo atendimento, a busca por parcerias financeiras com universidades e instituições privadas, além das etapas intrínsecas à produção e regulamentação dos fitoterápicos. A manutenção da produção depende do trabalho diário de inúmeros voluntários. Mas o que motiva esses indivíduos a realizar esse trabalho? Busca-se compreender como a concepção de trabalho, tão presente nas conversas diárias dos agentes e nas reflexões filosóficas encontradas em obras Kardecistas, motiva os agentes ao trabalho voluntário na produção dos fitoterápicos.

#### **4 - A cura e a bênção dos sacerdotes de viola (Mariana de Carvalho Ilhéu)**

Marcadamente polissêmica, a experiência religiosa dos sul mineiros conta com diversas festas e rituais através dos quais a devoção toma cor e forma. Este espírito se estende à vida cotidiana, estabelecendo a circulação de dons divinos, gentes e coisas a para além dos momentos sagrados. Considerando as práticas associadas ao catolicismo dito popular no município de Campestre (MG), pode-se notar que o Benzimento, manipulação de rezas e gestos a fim de extirpar um mal ou aflição (ILHÉO, 2017), é atravessado de maneira recorrente pela Folia de Reis – peregrinação de cantoria, comida e prestações que representa a narrativa mítica dos três Reis Magos e sua visita ao Jesus menino. As dádivas são materiais, incluindo objetos, como linha e agulha, carvão em brasa, ervas e plantas medicinais, ou a bandeira e comidas, e simbólicas, circulando a partir dos agentes populares do sagrado, justapostas entre os diversos rituais. Assim, o presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações etnográficas acerca da ocorrência de foliões-benedores no referido contexto, apontando para a atuação dos indivíduos indicados na comunidade e papel ritual-religioso, no que diz respeito ao fluxo de cura e bênção.

Palavras-chave: Benzimento; Folia de Reis; Antropologia das Religiões.

#### **5 - “Descanse em paz”: o enfraquecimento da religiosidade e sua relação com o processo de ressignificação da morte (Árife Amaral Melo)**

O presente trabalho propõe-se apresentar uma análise da relação existente entre o processo de secularização, racionalização e desencantamento sobre a morte e as mudanças na conduta relacionadas a ela. É perceptível hoje que a morte se encontra menos vinculada à religiosidade, demonstrando que se lida com a finitude da vida de maneira mais pragmática do que sacralizada, tendo como parâmetro a presença significativa de facilidades modernas perante a morte, tais como: o oferecimento de serviços funerários cada vez mais especializados, a “midialização” dos eventos mortuários e a padronização estética dos túmulos mais recentes em detrimento de uma antiga personalização presente nos jazigos. Nesse sentido, é importante analisar os processos sociais envolvidos para compreender tal fenômeno, procurando identificar que tais variações refletem também um processo de ressignificação, no qual o culto à memória vem progressivamente substituindo o significado religioso que o trato com a morte representa, retirando do cadáver, aos poucos, sua aura religiosa, transformando-o em uma demanda a ser atendida num contexto de afastamento cada vez maior entre os vivos e os mortos.

Palavras-chave: Morte, Religiosidade, Ressignificação

#### **6 - Caindo na estrada: Kardecismo fora de Centro ou para além do “Sistema Ritual” (Juarez Ferreira)**

Meu objetivo é apresentar uma introdução do meu projeto de pesquisa etnográfica do ônibus-livraria Chico Xavier, também conhecido como “Ônibus Chico Xavier”. Esta versão contemporânea do Kardecismo aponta para uma possibilidade concreta de extrapolação dos

limites do chamado “Centro espírita”. Um diálogo crítico é delineado perante a perspectiva consagrada do Kardecismo lido em geral pela fórmula de seu sistema ritual triádico – mediunidade, estudos e caridade. Trata-se agora de levar a sério a noção kardecista de “Movimento espírita” entendendo este movimento como portador de uma concepção de circulação da “dívida cármica” capaz de reconfigurar a própria fronteira das camadas médias urbanas dentro da qual o Kardecismo tem sido percebido.

Palavras-chave: Kardecismo, movimento, ritual, circulação, dívida.

## **GT 2 – Grafia, arte e imagem na Antropologia**

**Sessão 1** (21/11 - terça-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedor: Edgar Teodoro da Cunha (Unesp)

Local: Auditório do LIDEPS

### **1 - Olhares sobre a dimensão política da hibridez nas culturas de expressões artísticas dançantes** (Yasmim Nobrega de Alencar)

Propomos discussão sobre usos da ideia de cultura, com ênfase no olhar sobre a dimensão política da hibridez, conceito à luz do pensamento do autor indiano Homi K. Bhabha e outros autores(as) em diálogo com reflexões e leituras de mundo e das artes de intérpretes-criadores(as) de dança contemporânea, ex-participantes dos grupos CEM e Pélagos que foram entrevistados. O objetivo é articular ponderações sobre desnaturalização da ideia de cultura, segundo as questões: Quais as perspectivas dos usos da ideia de cultura? Que leituras o conceito de hibridez nos permite fazer sobre a ideia de cultura na sua dimensão política, em expressões artísticas da dança contemporânea? A diversidade cultural é uma das premissas ideológico-políticas problematizadas com os(as) autores(as) Manuela Carneiro da Cunha, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Stuart Hall, Raymond Williams, dentre outros. Trazemos à tona reflexões de entrevistas realizadas no trabalho de campo com os grupos de dança contemporânea CEM, criado pela artista Silvia Moura(CE), e Pélagos, criado pelo artista Rubens Oliveira(SP), no âmbito da pesquisa de mestrado em andamento “Corpo e mente: experiências de dança em periferias brasileiras”.

Palavras-chave: artes, culturas, hibridez.

### **2 - Imagens e memória entre os Kagwahiva** (Gabriel Garcêz Bertolin)

Durante o Mboatava, festa do povo tenharin que participei no ano de 2013, o efeito do canto individual de um dos anciãos produziu um choro intenso na audiência. O filho do ancião explicou para um dos convidados, pastor da Igreja Batista, que aquele choro compulsivo era efeito das imagens dos antigos criadas pelo velho ao cantar. Imagens que, segundo o interlocutor tenharin, eram produzidas tais como as fotografias dos brancos. Esses cantos, geralmente proferidos nos intervalos das grandes danças circulares e coletivas, são o momento no qual os velhos tomam a região central da “casa cerimonial” e, percorrendo um caminho retilíneo de idas e vindas, munidos com suas flautas, arcos e flechas, proferem seus cantos e produzem as mais variadas imagens (do passado, dos feitos cinérgicos...). A intenção, a partir dessa situação etnográfica, é explorar os efeitos dessa possível comensurabilidade entre a tecnologia do “mundo dos brancos” e a tecnologia dos cantos kagwahiva. Além disso, o caso etnográfico específico e a comparação com outros conceitos ameríndios de imagem (ou duplos) que abundam as etnografias das terras baixas sul-americanas, permitirão refletir a respeito do conceito de imagem e ainda mais sobre seus efeitos mnemônicos nos mundos ameríndios.

Palavras-Chave: Imagem, Memória, Kagwahiva

### **3 - As redes de socialidade do Godidigo kadiwéu: entre o “escrever sobre” e o “escrever em” (Maria Raquel da Cruz Duran)**

Tendo em vista a produção de uma tese de doutorado que se propôs a esboçar quais redes de socialidades (históricas, econômicas, identitárias, rituais, estéticas, políticas) o desenho (godidigo) possibilita aos Kadiwéu, entendendo que estas redes podem ser construídas tanto na relação entre quem se pinta e quem observa a pessoa pintada, quanto na confecção e compra da cerâmica decorada, atreladas à concepção de alegria – isto é, de agências de proteção, preservação, promoção, invisibilização do corpo aos inimigos, educação, fabricação da pessoa, entre outras – e do que é demonstrar estar alegre, objetivamos neste GT fazer uma reflexão sobre a nossa relação, enquanto pesquisadores, e o desenho, na escrita da tese. Compreendemos que estamos situados no terceiro tipo de relação destacado na tese, isto é, nas relações entre os Kadiwéu e os ecalaye (“brancos”), mediadas pelo desenho – sendo as outras duas as relações entre os Kadiwéu e os desenhos, mediada por objetos e/ou pessoas, que podem ser bichos, plantas, pessoas mortas, ancestrais, etc., e entre os próprios Kadiwéu, mediadas pelo desenho. Entretanto, porque estudiosos do desenho kadiwéu, lemos nossa relação como algo diversa do contexto comum ecalaye-kadiwéu.

Palavras-chave: Kadiwéu; Arte; Relação.

### **4 - Vamos lá criança: A câmera como um artefato dotado de agência na produção de um filme etnográfico com as crianças Kalapalo (Veronica Monachini de Carvalho)**

Neste trabalho pretendo apresentar o processo de realização de um filme etnográfico realizado com as crianças Kalapalo da aldeia Aiha do Parque Indígena do Xingu e discutir como o recurso audiovisual é interessante para o trabalho etnográfico e como uma metodologia para me aproximar de minhas interlocutoras principais, as crianças. Este filme foi realizado a partir de uma demanda dos próprios indígenas, que pediram ajuda para realizar materiais escolares paradidáticos e acabou se tornando um filme etnográfico em si, que possibilitou a reflexão posterior de “momentos etnográficos” (Strathern, 2014) não percebidos no momento da gravação. Com a realização deste filme pude perceber que a câmera em si é dotada de agência e ressignifica diversas realizações entre os envolvidos nos filmes. Durante o processo de captação de um filme, é criada uma relação íntima entre os interlocutores e as câmeras. Estar atrás das câmeras é também performar, pois se sabe que a câmera influencia o que e como as pessoas atrás delas irão reagir. É importante perceber que existe uma agência dos próprios personagens, uma vez que eles irão construir neste processo uma auto-imagem. Além disso, a própria câmera é dotada de agência ao mediar essas relações.

### **5 - Entre arte e ritual: Desafios colocados por corpos em movimento (Mauricio Caetano da Silva)**

Diante de uma questão metodológica à cerca da análise da técnica corporal em um determinado ritual indígena krahô, proponho um exercício de mapear alguns trabalhos etnográficos que dão vazão a um debate sobre a observação do corpo em movimento, estando ele em contextos artísticos ou rituais. Tal exercício será realizado tendo como objetivo pensar em possibilidades de métodos para uma análise da performance ritual dos hõxwa, uma classe de pessoas krahô determinada pelo sistema onomástico e pelo

reconhecimento dos aldeões das capacidades físicas da pessoa manifestar o humor krahô. Levando em consideração o contato interétnico entre os krahô e artistas nos últimos anos, atualizado pela assimilação dos hõxwa à prática dos palhaços ocidentais, parto do princípio de que tal relação se faz possível graças à importância da técnica corporal para ambas as partes envolvidas. Seria por meio dela que esta assimilação se faz possível e o que garante que os hõxwa possam ser considerados artistas. E é por isso que proponho levantar questões sobre a análise de um corpo em movimento em contexto do espetáculo, seja em um teatro ou em um ritual, apontando alguns métodos possíveis encontrados em um conjunto de obras etnográficas.

## **6 - Falar com movimentos, enxergar com o tato: Uma reflexão sobre as formas de observar e descrever na Antropologia, a partir das imagens de uma etnografia sobre o tango dançado (Brunela Succi)**

No mestrado debruçei-me sobre corporalidades e performances de gênero e sexualidades no tango queer, uma dança que se propõe como um conjunto de técnicas e outras práticas livres de hierarquias de gênero e questionadoras da heteronormatividade na dança. As imagens (fotos e vídeos) foram fundamentais para a pesquisa, servindo de complemento a um tipo particular de observação que predominou na minha pesquisa, focado nas sensações táteis e a percepção motriz das técnicas da dança. Apesar disso e em razão daquilo que julguei, então, uma inadequação técnica e estética das imagens que produzi e usei, não coloquei imagens na dissertação, suscitando críticas dos avaliadores quanto às minhas estratégias de legitimação e quanto à ausência ilustrações e visibilizações das descrições escritas. Aqui, proponho analisar algumas dessas imagens e, a partir delas, refletir sobre: o uso das imagens na etnografia de técnicas corporais; o que determina as melhores formas de observar e descrever; qual a relação entre as imagens e as metáforas visuais oferecidas pela etnografia e a validação do conhecimento que produzimos; se deve ser prioridade da etnografia e da antropologia a visibilização de técnicas corporais, identidades, práticas artísticas, etc?

Palavras-chave: Descrição/Observação; Técnicas Corporais; Imagens.

**Sessão 2** (22/11 - quarta-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedora: Marianna Lahr Faustino (UFSCar)

Local: Auditório LIDEPS

## **1 - Música e vídeo: reflexões sobre o uso de vídeos em uma etnografia de um grupo musical (Gregor Castro Erbiste)**

Este trabalho está inserido em uma série de estudos que tem por objetivo geral adentrar nas discussões acerca do sentido e da vivência para um grupo musical, no que diz respeito aos integrantes da Orquestra Popular de uma Universidade do Sul de Minas Gerais. Como desdobramento desse estudo maior, o presente trabalho tem por objetivo relatar e refletir sobre as experiências da utilização do vídeo enquanto técnica de registro como complemento do diário de campo e da etnografia de um grupo musical. Procurou-se analisar o comportamento dos integrantes do grupo ao se utilizar o vídeo e o diário de campo como forma de registro, além de observar o comportamento desses atores diante da utilização dessas técnicas em ambientes de socialização, fora dos tradicionalmente utilizados. As conclusões obtidas vão de encontro com o fato de que a utilização do vídeo se mostra como uma ferramenta importante para análise posterior dos fatos, ao passo que traz consequências no ambiente estudado, pois um grupo musical vive essencialmente da imagem transmitida.

Palavras-chave: Grupo Musical. Vídeo. Etnografia.

## **2 - Vidinha de balada: um olhar antropológico da balada sertaneja universitária (Deiler Raphael Souza de Lima)**

Este trabalho apresenta uma etnografia realizada na casa noturna Wood's, localizada na cidade de Curitiba-PR. Comumente denominada de "balada" o espaço é destinado ao segmento musical sertanejo universitário. A pesquisa desenvolveu-se a partir de um estudo que fomenta a compreensão das questões motivacionais das (os) frequentadoras (es) que as (os) levam a visitá-la periodicamente. Sobretudo, no que diz respeito a utilização de uma perspectiva antropológica, buscou-se identificar se essas motivações desenvolvem no decorrer da estadia desse público no local ações coordenadas análogas estimuladas por meio dos elementos constitutivos e/ou estruturantes como as bebidas e a música, permeando um processo ritual. E se a realização dessas ações se entropõe nos consumidores dos diversos espaços desse local, como área Vip/camarote e pista.

Palavras-chave: Balada sertaneja universitária; Música sertaneja universitária; Elementos estruturantes.

## **3 - Bailinho, doces e travessuras: uma etnografia do clube de música eletrônica (José Ricardo Pacheco)**



Este trabalho tem como proposta a tentativa de compreensão da casa noturna do segmento eletrônico localizada na cidade de Curitiba-PR. A partir de uma perspectiva Antropológica, sendo a ferramenta utilizada para este trabalho a observação participante, conhecida como Etnografia. A realização da pesquisa se deu no “Bailinho” como é popularmente conhecido pelo público frequentador da casa noturna. Buscou-se observar primariamente a relação que se estabelece entre a música que é reproduzida no local, e se essa implica alguma influência no comportamento e ações das/dos frequentadoras/es. Sendo assim, as observações foram feitas para compreender se dentro do “Bailinho” existe um processo ritual, e se este processo faz com que existam padrões para o comportamento ou ações dos frequentadores da casa noturna. Após análise do campo, pode-se concluir que a música eletrônica não é o único elemento estruturante dentro do campo, pois existem muito mais objetos estruturantes, sendo estes a dança, o “DJ”, produtos ilícitos e a iluminação.

Palavras-chave: Música Eletrônica; Casa noturna; Etnografia.

#### **4 - Entre a ciência e a arte: a imagem da histeria pelo olhar de Charcot (Ana Carolina Verdicchio Rodegher)**

Neurologista que se consagrou com inúmeros trabalhos no século XIX, Jean-Martin Charcot (1825-1893), obteve parte do reconhecimento da comunidade médica através do método “anátomo-clínico”. Base de suas pesquisas no campo da neurologia, esse método também guiou o médico em seu trabalho com a histeria, empreendimento menos neurológico de sua carreira, contudo, o que mais impactou seu nome. Embora o método anátomo-clínico tenha sido o princípio encontrado por Charcot para nosografar a histeria, ele não foi capaz de concretizar esta tarefa. Diante da impossibilidade de tornar a histeria uma doença através do método, Charcot apropriou-se da fotografia para criar a nosografia da histeria através da elaboração da Iconografia Fotográfica da Salpêtrière. O médico concebeu o processo do registro da histeria, isto é, a preparação da histérica para ser fotografada e a necessidade da pose para que houvesse tempo de se fazer a imagem, como algo estritamente técnico. A comunidade médica, no entanto, não partilhava dessa certeza. Para muitos, o neurologista “inventou” a histeria através da sugestibilidade a que expunha as histéricas. Esta comunicação visa tratar da fotografia como um elemento que se situa na fronteira entre a ciência e a arte e de suas implicações na produção da Iconografia.

Palavras-Chave: Fotografia - Histeria - Jean-Martin Charcot

#### **5 - Transformação estrutural ou tradução intersemiótica? Esboço de um programa (Erick Nascimento Vidal)**

Uma série de publicações recentes, dentro da etnologia americanista, vem tratando de problemas em torno das relações entre atividades tais como o trançado e a música (entre outras), que remetem a registros (supostamente) distintos, como o visual e o sonoro. Tais relações, que se aproximam de um tipo de tradução, tem por isso sido discutidas por alguns autores como relações de intersemiotividade. Uma característica dessa literatura, no entanto, é a quase ausência de referência direta à obra de Lévi-Strauss. Parece-nos, porém, que esta última sempre colocou problemas muito próximos, ainda que por outras vias. Gostaríamos de apontar uma dessas vias: a reflexão sobre a arte, em especial a arte ocidental. Numa curta comunicação, gostaríamos de sugerir como se pode extrair daí elementos para discutir a própria noção de intersemiotividade. Um confronto com certas formulações de alguns artistas (esp. Kandinsky e Schoenberg) permitirá situar melhor a posição de Lévi-Strauss. Buscaremos considerar, sobretudo, alguns de seus produtivos impasses, que redundam em torno do modelo linguístico que lhe serve manifestamente de base. Com isso, buscaremos traçar um programa de discussões teóricas ao qual esse exercício seria apenas uma primeira contribuição.

#### **6 - Desenhos da população em situação de rua no centro do Rio de Janeiro: construção de narrativas e alfabetização (Aline Melo; Débora Vieira; Priscila de Oliveira)**

A população em situação de rua sofre historicamente com a marginalização na nossa sociedade. A essas pessoas é atribuída, por vezes, as condições de desnecessidade e inutilidade, próprias do processo de exclusão. No entanto, esses indivíduos possuem capacidades e habilidades que estão para além da sua preservação biológica diária. É o que busca realçar o presente trabalho. Como parte de uma pesquisa maior, pretende-se, por meio da observação participante em dois

grupos de população em situação de rua, um no Largo da Carioca e outro no Largo de São Francisco de Paula no Centro do Rio de Janeiro, ambos atendidos pelo projeto Escola de Rua – um projeto de educação social –, trazer à tona, dentre outras questões, as representações gráficas produzidas pelas pessoas atendidas no projeto. O objetivo do presente artigo é refletir sobre como esses sujeitos percebem as expressões dos seus desenhos e o que significa esse momento de criação para eles. Com isso, dar espaço para uma narrativa que amplia o horizonte de expectativa sobre essa população, que mesmo em meio a tantas violações e violências que sofrem no cotidiano da vida social, encontram espaço para o lúdico e a construção de possibilidades, inclusive de alfabetização, por meio dos traços e das formas.

Palavras-Chave: população em situação de rua; educação; Escola de Rua.

### **Sessão 3** (23/11 - quinta-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedora: Fabiana Bruno (LAGRIMA – Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem/Unicamp)

Local: Auditório LIDEPS

#### **1 - Feito de papel: agência na obra de Gabriel Góes** (Renan Bergo da Silva)

Inspirado por concepções avançadas por Alfred Gell apresento esta comunicação um desdobramento de minha interlocução com o quadrinista brasileiro Gabriel Góes, que me disse, em certa ocasião ter percebido que era “feito de papel”. Esta frase evocativa, algo poética, me trouxe questões como: qual a importância do papel na vida de um quadrinista? Na maneira como ele experiencia o mundo? E no modo como age, tornando sua agência manifesta neste mesmo mundo? Estabeleço uma conexão desta frase com a análise de uma história de Góes, intitulada Testamento, centrada no tema da mortalidade. A partir da análise e interlocução proponho tomar a ideia de feito de papel para além da sua interpretação mais imediata, ou seja, de uma leitura da frase como metáfora. No lugar disso, sugiro tomá-la como metonímia – e a partir daí extrair consequências que se relacionem com as perguntas feitas acima –, pensar o papel, e especificamente as publicações de quadrinhos de autoria desse interlocutor como extensões materiais de sua mente, sua agência no mundo, uma vez que elas se espalham por um espaço físico maior do que seria possível para o indivíduo Gabriel Góes e, é razoável supor, permanecerão em circulação por um tempo após sua morte.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Agência; Antropologia das Formas Expressivas

#### **2 - Fotografia de rua e etnografia** (Paula Cristina Correa Bologna)

Fotografia de rua, ou street photography, foi um dos gêneros da fotografia popularizado em meados do século XX. Esse estilo autoral da fotografia tem como fundamento o retrato de pessoas, paisagens e situações cotidianas em ambientes geralmente – mas não exclusivamente – urbanos. Por se trabalhar em um ambiente dinâmico e não controlado, o fotógrafo de rua nunca sabe quando ou se encontrará uma boa fotografia; o que faz com que uma das principais características deste segmento fotográfico seja estar sempre à mercê do inesperado, do contingente. Uma saída à rua pode resultar em horas de caminhada e observação em que nada que valha a pena ser registrado seja notado pelo fotógrafo ou fotógrafa. O sentimento de frustração é companhia frequente do fotógrafo ou fotógrafa de rua. Sensação esta frequentemente e coincidentemente expressa por etnógrafos e etnógrafas, cujos trabalhos de observação, sabemos, podem render dias e noites de tédio e marasmo, até que algo considerado significativo para o pesquisador seja, finalmente, notado e registrado. O que proponho neste texto é, em um primeiro momento, apontar para certas aproximações entre esses dois processos de registro: o fazer etnográfico e a fotografia de rua. Em um segundo momento, gostaria de sinalizar como, a partir da fotografia de rua, as imagens foram ganhando espaço e corpo na pesquisa etnográfica que desenvolvo junto a um movimento de moradia da cidade de São Paulo.

Palavras chaves: etnografia, fotografia de rua.

#### **3 - TwitteRelatos por la Identidad: ilustrações e palavras que criam laços de parentesco** (Aline Lopes Murillo)

Durante a última ditadura militar argentina (1976-1983), uma das políticas adotadas para conter a “subversão” foi a apropriação de crianças sequestradas com seus pais e de recém-nascidos

durante o cativeiro de suas mães. A mobilização para a recuperação dessas crianças começou em outubro de 1977, quando suas avós criaram a Asociación Civil Abuelas de Plaza de Mayo. Desde então, por meio de ações coletivas que misturam a arte ao ativismo, as abuelas lutam pela restituição de seus netos apropriados pelo Estado ditatorial. Uma dessas ações é a mostra "TwitterRelatos por la Identidad". Trata-se de microcontos centrados no tema da apropriação de crianças durante a última ditadura militar enviados pela rede social Twitter com a utilização de hashtag. Os textos vencedores são ilustrados por uma equipe de artistas e o resultado é uma mostra gráfica itinerante com vistas a contribuir com a busca dos netos apropriados. Neste trabalho, o objetivo é privilegiar os painéis que conciliam microcontos e ilustrações como modo criativo de mobilização do parentesco. Reflito como eles, enquanto prática social que dialoga com arte e ativismo político, coloca em movimento táticas para a criação de laços de parentesco entre avós e netos entre os familiares de desaparecidos na Argentina.

Palavras-chave: arte, ativismo, parentesco

#### **4 - O discurso etnobiográfico: A escrita da vida no documentário Estamira (Márcio Brito Neto)**

O trabalho é uma análise sobre a interação social como construtora do discurso no filme Estamira de Marcos Prado, tendo como método teórico de abordagem o conceito de etnobiografia, desenvolvido pelo professor do IFCS/UFRJ Marco A. Gonçalves. Proponho o documentário etnobiográfico como uma narrativa resultante de um duplo processo de individuação, em que a relação entre pesquisador e pesquisado, cineasta e personagem e em última instância pessoa e pessoa, não apresenta uma clara linha divisória, nem se centra na figura do "EU" individualizado, assim como funde os conceitos clássicos da Antropologia e da Comunicação, como o individual e o coletivo, o sujeito e a cultura, o atual e o virtual, o real e o ficcional, o público e o privado, tudo isso se mescla e dá origem a um potente dispositivo, resultante de diversas formas e linhas de interações que põe em jogo relações de força e de poder, capaz de dar visibilidade social a sujeitos e culturas marginalizadas. Tornando o acesso à intimidade e às expressões livres dos indivíduos uma forma de conhecer o humano, o qual recria criativamente o meio que o constitui e a si próprio como pessoa individuada, seja ela o realizador ou a personagem.

Palavras-chave: Etnobiografia; documentário brasileiro; discurso.

#### **5 - Onde esta Olly? (Pamela Silva dos Santos)**

O estudo de um acervo fotográfico tem como desafio resgatar as memórias armazenadas em seus pigmentos. Este desafio se enriquece a medida que a compreensão sobre a leitura das imagens se expande, e as informações se interligam trazendo a luz uma gama de conhecimentos que entrevistas ou outros métodos sozinhos poderiam não priorizar. A questão que abordamos nesse projeto é justamente a presença e hora ausência de uma mulher em específico em um acervo de 2000 fotos. Estes registros nos mostram a vivência desta personagem em ambientes públicos e privados, familiares ou não, como protagonista e figurante. Esta personagem que atuou no campo artístico carioca no período de 1950 até 1986, chama-se Olga Helene Blank, que se torna conhecida como Olly Reinheimer. Este acervo é deixado como legado para a família Reinheimer, pertencentes a Olly e Werner Reinheimer. Ambos judeus e alemães, ela artista plástica, e ele um ex intelectual da resistência alemã. Ambos vieram para o Brasil no final da década de 1930 e tem parte de suas trajetórias contadas neste acervo. A pergunta que conduz a pesquisa se baseia no que é deixado para ser lembrado? O que é esquecido? A fotografia como arte, construção de memória e de sujeitos.

### **GT 3: olhares etnográficos sobre os indígenas no estado de São Paulo**

**Sessão única** (21/11 - terça-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedores: Edmundo Peggion (Unesp/UFSCar); Amanda Danaga (UNIFAL/ UFSCAR)

Local: Sala da graduação – Departamento de Filosofia e Metodologias da Ciência

#### **1 - “Aqui tem mais cachorro do que índio”: relações humano-animal entre os Mbya-Guarani no Jaraguá (São Paulo/SP)** (Bruno Silva Santos)

Proponho aqui realizar uma reflexão envolvendo as relações entre cães e índios no contexto das aldeias Guarani-Mbya no Parque Estadual do Jaraguá (São Paulo/SP). A maior parte desses animais são abandonados pela população da cidade e adotados pelos Mbya, constituindo um cenário em que humanos e animais agenciam e articulam múltiplas relações – desde a dó que os cães causam nas pessoas até a proteção contra espíritos predadores. Seus latidos noturnos que atrapalham o sono, a sujeira gerada pelas fezes e urina, os perigos de ataques e mordidas, as brigas e os ataques à pedestres são alguns dos efeitos negativos gerados pela grande população de cães e mobilizados pelos Guarani em suas falas. No entanto, mesmo dizendo não desejar adotar mais nenhum animal, eles alimentam e cuidam dos novos cães que chegam nas aldeias. São inúmeros os relatos de pessoas que, ao sentirem dó de algum cão abandonado que se aproxima de suas casas, começam a cuidar e alimentar o animal; se acostumando com ele no decorrer do tempo. Desse modo que o esforço aqui reside em tentar aproximar-se de uma compreensão dessa multiplicidade enredada pelas relações entre humanos e animais nas aldeias Guarani-Mbya no Jaraguá.

Palavras-chave: Guarani-Mbya – cães – Jaraguá

## **2 - Contextos de Autodemarcação da Terra Indígena Tekoá Mirim: a Cosmopolítica e o Nhanderekó elaborados como formas de luta Mbyá Guarani (Fábio do Espírito Santo Martins)**

Este trabalho propõe evidenciar o processo de Autodemarcação da Terra Indígena Mbyá Guarani Tekoá Mirim, que por estar localizada no interior do Parque Estadual da Serra do Mar no litoral de São Paulo, sofreu como consequência, que diferentes instâncias do poder público passassem a considerar os indígenas que vivem naquela TI, como invasores, por entender a sua permanência contrária ao "corpus" legal que legisla sobre a ocupação humana nas Unidades de Conservação. Dando início, portanto, a uma articulação político-administrativa para impossibilitar a manutenção indígena no seu próprio território, que secularmente é legitimada pela materialização sócioespacial do seu modo de vida culturalmente peculiar, ou seja, de seu Nhanderekó; completamente ignorado e desprezado pelas representatividades do Estado brasileiro. Diante de tal contexto, pretende-se dar visibilidade às motivações sociocosmológicas e etnohistóricas que justificam a dinâmica de deslocamento e ocupação espacial dos Mbyá-Guarani nesta autodemarcação territorial.

Palavras-chave: autodemarcação de terra indígena; cosmologia Mbyá Guarani; protagonismo.

## **3 - O tempo dos sonhos e o marco temporal: dos territórios que os Tupi Guarani nunca deixaram de ocupar (Lígia Rodrigues de Almeida)**

Pretendo, nessa comunicação, realizar uma reflexão a respeito dos conceitos “tempo dos sonhos” e “tekoha sonhado”, mobilizado por famílias tupi guarani para se referir aos territórios que ocupam e aos movimentos que realizam no processo de fabricação e manutenção dessas localidades. Conforme explicam, mesmo retiradas a contragosto de seus territórios, nunca deixaram de ocupa-los, isso porque “nunca deixaram de vive-los”, visitando-os e fortalecendo-os com frequência no “mundo dos sonhos”. O intuito aqui para além dessas reflexões é realizar um contraponto entre esses conceitos tupi guarani e a noção de “marco temporal” acionada no contexto político/jurídico atual a fim de deslegitimar as ocupações e retomadas territoriais indígenas. Tal noção jurídica afirma a validade da posse da terra apenas aos povos indígenas que as ocupavam no momento da promulgação da Constituição Federal de 1988, ignorando a retirada forçada desses povos de seus territórios, como é o caso dos Tupi Guarani de Barão de Antonina, município localizado no sudoeste do estado de São Paulo, que é da onde parto para essas reflexões.

Palavras-Chave: Território, Sonhos, Marco Temporal.

## **4 - Terena e Guarani na reserva indígena de Araribá: um estudo etnográfico da aldeia Tereguá. (Márcio Oliveira de Castro Coelho)**

A reserva indígena Araribá, criada em 1913 pelo Serviço de Proteção aos Índios – SPI em terras devolutas pertencentes ao estado de São Paulo, resultou de um processo de territorialização da população indígena Guarani que se encontrava dispersa entre o oeste paulista, norte do Paraná e leste de Mato Grosso (do Sul). Inicialmente ocupada apenas por famílias Guarani, acabou recebendo famílias Terena que foram transferidas pelo SPI, a partir dos anos 1930, de Mato Grosso (do Sul). Atualmente, na reserva de 1.930 hectares com uma população de cerca de 600 pessoas das etnias Guarani e Terena, encontramos quatro aldeias: Kopenoti, Nimuendajú, Ekeruá e Tereguá, sendo que foi a partir das relações entre esses dois grupos indígenas na aldeia Tereguá que se cunhou o etnônimo “Tereguá” (supostamente para definir pessoas resultantes dos casamentos ocorridos entre indivíduos pertencentes a esses grupos). Nesse sentido, a partir da iniciativa do governo brasileiro em promover, na primeira metade do século XX, a interação desses grupos indígenas sem antagonismos históricos numa mesma reserva, apresentamos um relato etnográfico demonstrando a relação de história e parentesco entre os Terena e os Guarani, tendo por base as genealogias da aldeia Tereguá.

Palavras-chave: Reserva indígena de Araribá; Aldeia Tereguá; Mistura.

### **5 - O Txondaro Jeroky: em busca do fortalecimento e leveza dos guerreiros Tupi Guarani (Vladimir Bertapeli)**

Os Tupi Guarani, assim como os Guarani Mbyá que vivem no litoral e interior de São Paulo, chamam seus guerreiros de txondaros, sendo estes os responsáveis pela proteção da aldeia e, sobretudo, da owguatsu (casa de reza). Para tal propósito, estes guerreiros fortalecem e tornam leves seus corpos por meio de uma dança circular, que ao mesmo tempo é uma luta, que eles denominam como Txondaro Jeroky. Esta, ao contrário das danças realizadas no interior owguatsu, que são definidas pelo termo jerojy, é praticada na oká (área externa da casa de reza), onde os guerreiros, ao seguir um txondarowitxa (uma espécie de mestre), realizam movimentos inspirados em determinados animais (pássaros, mamíferos, répteis, etc.), e situações extraídas do cotidiano, especialmente quando estão na floresta (o desvio de galhos, rochas, etc.). Aliás, fora do contexto da aldeia, os Tupi Guarani realizam o Txondaro Jeroky em atos públicos, como em eventos, protestos reivindicatórios, etc. Sendo assim, esta comunicação versa sobre a referida dança-luta. Com base em minha experiência etnográfica, apresento os movimentos constitutivos do Txondaro Jeroky, a imitação de determinados animais e certas situações cotidianas que constituem a presente dança-luta.

Palavras-chave: Tupi Guarani, Txondaro, Txondaro Jeroky.

## **GT 4 - Antropologia, Gênero e Sexualidade**

**Sessão 1** ( 21/11 - terça-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedores: Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) e André Rocha Rodrigues (UFSCar)

Local: AT 8 Sala 188

### **1 - Deus ajuda quem cedo madruga: a dor a partir das experiências de mulheres adoecidas no trabalho (Wagner Guilherme Alves da Silva)**

A presente pesquisa teve por objetivo analisar o processo de adoecimento no trabalho em jovens trabalhadoras urbanas oriundas do mundo rural a partir das categorias mulher, dor e vexame. A trajetória de mulheres camponesas proletarizadas com a emergência da usina sucroalcooleira que, frente às mudanças no eixo dinâmico da economia local, tiveram de gestar suas vidas no mundo urbano, onde adoeceram e iniciaram uma luta contra o Estado por aposentadoria por invalidez foi analisada a partir

das imbricações capitalismo regional e gênero. As mulheres tornaram-se mão de obra barata e não escassa frente à contratação masculina das usinas, o que permitiu com que fossem absorvidas por frigoríficos de peixes na região, onde as relações de trabalho

obedeciam aos ditames da precarização. Ser mulher era crucial na ação de processar ou não o Estado, pois entendia-se que a dor era parte da experiência feminina. Processar o Estado implicava na perda da feminilidade. Assim, a partir dos silêncios e das pausas, procurou-se reconstruir a história do capitalismo regional a partir das vozes das mulheres adoecidas em situação de luta contra o INSS.

Palavras-chaves: adoecimento, gênero, aposentadoria por invalidez.

## **2 - É Menino ou Menina? Notas Sobre Ansiedades de Gênero, Sexualidade e Deficiência** (Marco Antonio Gavério)

Nesta proposta navegarei na dimensão onde as categorias de gênero, sexualidade e deficiência se confundem. Proponho dizer que, em um certo momento, a própria experiência da deficiência pode ser modulada por disposições e representações que englobam caracteres socioculturais corporificados de gênero e sexualidade. Nesse sentido, mesmo que a categoria 'deficiência' seja referente a determinadas disposições corporais, ela não deixa de afetar e ser afetada por questões sobre corporalidades que estariam entre o masculino e o feminino, ou entre o hétero e o homo. Tomando a perspectiva de um corpo (teórico) deficiente, buscarei discutir criticamente como em seu entorno se mobilizam algumas ansiedades normativas de gênero e sexualidade. Uma perspectiva queer-feminista da deficiência, que de certa maneira aponta para uma perspectiva crip (aleijada), propõe uma analítica da normalidade corporal. Dessa forma, discutirei esses questionamentos entre gênero, sexualidade e deficiência a partir de uma experiência como 'deficiente' constantemente feminilizada por seu corpo ser considerado naturalmente frágil.

Palavras-chave: deficiência; sexualidade; corporalidades dissidentes

## **3 - Como você se sente? Algumas reflexões sobre os usos, posturas e tratamento de homossexuais negros operando aplicativos de relacionamento: grindr e hornet** (Diego Couto dos Santos)

Este trabalho se propõe analisar, brevemente, o processo de criação de um perfil em aplicativos de relacionamento voltados, majoritariamente, para homens que buscam relações afetivo-sexuais com outros homens, segundo a própria descrição e configurações disponíveis nos aplicativos selecionados. Bem como as experiências de interação de dois usuários dessas plataformas. Estes aplicativos são o Hornet e Grindr. Entendo-os como uma modalidade de banco de dados de interações virtuais não heterossexuais, que se encontram disponíveis a todos aqueles que queiram ingressar nessas redes sociais. O objetivo principal é analisar e entender as motivações para a criação de um perfil nessas redes sociais, bem como analisar a construção e projeção das autoimagens e autonarrativas dos usuários desses aplicativos.

Palavras-chave: tecnologia, homossexualidade, marcadores sociais de diferença.

## **4 - O consumo dos espaços e as formas de sociabilidade da comunidade lgbt do município de Araraquara** (Mateus Rodrigues dos Santos)

Este trabalho, dentro de um arcabouço teórico que diz respeito às questões das diferenças sexuais e de gênero e sob o mapeamento histórico da movimentação social, cultural e política de grupos LGBTs no Brasil, visa compreender as variadas maneiras como os indivíduos não pertencentes a matriz heterossexual reguladora em nossa sociedade, residentes no município de Araraquara, através dos diversos usos das características próprias a cidade, constroem relações entre si, se sociabilizam, produzem suas subjetividades e identificações a partir de espaços de entretenimento dedicados a estes públicos, apontando também um olhar inverso, pois como segunda proposta, procura analisar as formas pelas quais os ambientes e os bens de consumo mantêm as relações sociais destes sujeitos estabelecendo comunicabilidade entre eles.

Palavras-chaves: Teoria Queer, LGBT, espaços e bens como consumo.

## **5 - Os garotos da ilha do(s) Amor(es): boys maranhenses, trânsito(s) e mercado(s) do sexo** (Mayana Hellen Nunes)

O objetivo geral da pesquisa é compreender as dinâmicas do mercado do sexo em São Luís, Maranhão, e as motivações e projetos que embasam os trânsitos em diferentes escalas de homens que partem da cidade (boys) com a finalidade de realizarem trabalho sexual. Em meio aos trânsitos realizados pelos boys também busco acessar as redes sociais que constroem e acionam entre o lugar de origem e o lugar de destino, os tipos de arranjos afetivos-sexuais que tecem com os homens com quem estabelecem relações pautadas pelo sexo comercial e pelos afetos, os tipos de bens que são trocados nesses arranjos, e como estas relações são permeadas por convenções e hierarquias de gênero e sexualidade. Interrogo também de que modo as categorias de articulação (gênero, raça, sexualidade, classe social, regionalidade, entre outras) permeiam a inserção dos boys em diferentes modalidades de serviços sexuais, deslocando-se socialmente, na medida em que os sujeitos da pesquisa se deslocam espacialmente. A investigação será realizada por meio de uma etnografia multisituada (Marcus, 1995) priorizando-se a técnica de “seguir as pessoas” em meio às configurações do mercado do sexo de diferentes cidades brasileiras.

Palavras-chave: trânsito, marcadores sociais da diferença, mercado do sexo.

## **6 - O tráfico de pessoas a partir da perspectiva das práticas estatais: documentos e discursos institucionais na mira (Maíra Pradelli)**

Esse trabalho, ainda em fase inicial, tem como propósito analisar os discursos presentes em documentos de Estado no que se refere ao “tráfico de pessoas”. Tem sido feito um levantamento bibliográfico apoiado em estudos etnográficos, sobretudo a partir das elaborações teóricas de Adriana Piscitelli, Kamala Kempadoo e Jo Doezema, no que concerne aos discursos hegemônicos sobre “tráfico de pessoas” e as dinâmicas dos mercados do sexo. Em paralelo, a partir do método da etnografia de arquivos, analisamos documentos institucionais de dois programas do Governo Federal: a ENAFRON, que atua no policiamento intensivo nas fronteiras, e o ICMPD que concede assistência às pessoas afetadas pelo tráfico. Dos resultados preliminares, ressaltamos a proeminência discursiva do “tráfico” pelo viés excepcionalmente da vitimização, a despeito de explicações mais abrangentes que determinam a prática da prostituição e das mobilidades de trabalhadores do sexo em escala transnacional. A ênfase na vitimização tem reduzido a complexidade do problema e implicado em discursos que sustentam práticas de criminalização aos trabalhadores do sexo, a partir da restrição de mobilidades.

Palavras-chave: tráfico de pessoas; práticas de Estado; discursos.

### **Sessão 2 (22/11 - quarta-feira, 14:00 – 17:00)**

Debatedores: Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) e André Rocha Rodrigues (UFSCar)

Local: AT 8 Sala 187

## **1 - A narrativa de uma mulher idosa frequentadora do CRAS (Laís da Silva)**

O presente trabalho possui o objetivo central em compreender o que é ser uma mulher idosa moradora da periferia, através da narrativa recolhida de uma interlocutora nos encontros de idosos/as do CRAS - Jardim América, localizado na cidade de Paranaíba, estado do Mato Grosso do Sul e pretendo refletir sobre a significância do programa em suas vidas. Considerando que algumas narrativas não são ouvidas e que dificilmente conseguimos acessá-las devido à imposição de papéis sociais que deve ser incorporados pela mulher. Daí surge a necessidade de ouvir aquelas que dificilmente aparecem como agentes de sua própria história, mas sim como um gênero que deve ser tutelado por seus esposos, pelas instituições religiosas e estatais, destacando sua relevância enquanto um problema social latente na contemporaneidade que necessita de reflexão científica epistemológica. O método utilizado foi uma revisão sistemática da literatura disponível a partir da observação participante obtendo a narrativa de uma frequentadora do programa público. Por fim podemos identificar a intersecção entre raça, gênero e classe e como estas categorias estão interligadas e como contribuíram para consolidar as desigualdades de um país colonial.

Palavras-chave: Narrativa, Mulher, Periferia.

## **2 - As mulheres na China: da política do filho único ao aborto e infanticídio** (Lisandra Zago)

Em 1979 o governo chinês preconizou a política do filho único na intenção de reduzir o crescimento demográfico e muitas mulheres acabaram morrendo na tentativa de cometer o aborto. A política do filho único contribuiu para o aumento de casos de infanticídio, além de aumentar o número de nascimentos de crianças do sexo masculino em relação às do sexo feminino. A política do filho único indiretamente estimulou a eliminação seletiva de embriões e fetos femininos, desequilibrando em dezenas de milhões a proporção entre homens e mulheres, promovendo fenômenos morais e sociais degradantes, como a venda de mulheres em idade de casar, impossibilidade de casamento para os mais pobres e as mais perversas aberrações sexuais. O objetivo do artigo é discutir o impacto social da política do filho único na sociedade chinesa contemporânea. O método utilizado parte da investigação historiográfica, de articulação e análise das fontes primárias e secundárias.

Palavras chave: Mulher; Política do filho único; Infanticídio.

## **3 - “Mas essa pessoa não é de fofoca”: notas sobre o conceito de fofoca a partir de um evento conversacional "LGBT" (Carolina Stéphanie Rodrigues Gonçalves)**

Neste trabalho procuro articular a análise de um evento conversacional, qual seja, uma Roda de Conversa "LGBT+" realizada por um projeto que se auto-intitula de aceitação, acolhimento, identificação, empatia e apoio aos LGBT's auto-organizados da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), com o conceito de fofoca, explorando, pois, as possibilidades sociais da fofoca na atualização e concretização da moral heteronormativa. Integrando, de um lado, os resultados empíricos de algumas de nossas breves imersões no trabalho de campo - reconstruídos a partir de transcrições de gravações fonográficas -, e de outro, o modo como a prática do mexerico é encarada no interior da teoria social, estaremos nos perguntaremos nuclearmente sobre quais seriam as possibilidades de os(as) fofoqueiros(as) citados neste evento conversacional "LGBT+" estarem atuando na (re)produção contínua de estruturas macrossociais (moralizantes) heteronormativas"?

Palavras-chave: Roda de Conversa; Fofoca; Moral heteronormativa.

## **4 - Ele não sabia nada e elas ensinaram tudo: A agência feminina no processo de humanização** (Fernando Augusto Fileno)

Diziam entre os risos as mulheres mura: ele não sabia pescar, ele não sabia caçar, ele não sabia comer, ele não sabia fazer nada. Gracejo que chamava atenção para uma tarefa que parecia estar a cargo das mulheres. Uma divisão de tarefas flexível oculta sob o cotidiano uma função não inscrita ao gênero feminino, mas da qual as mulheres parecem garantir certo monopólio. Mais do que formar, cuidar, alimentar, as mulheres mura parecem civilizar. A anedota nasceu do contraste com os comentários masculinos, gerando uma possibilidade de pensar a agência feminina como uma fronteira entre o nós e os outros. Os Mura, grupo indígena de língua mura, hoje falantes do português, entendem o mundo como um lugar perigoso e composto por agências desconhecidas, mas que podem, contudo serem assimiladas. Para os Mura que vivem no rio Igapó-Açu, a agência feminina está no centro do processo de criação, amadurecimento e civilização dos pequenos que vem ao mundo, assim como dos estranhos que nele chegam para habitá-lo. Nesse paper, queremos apresentar uma proposta que de conta de pensar o lugar nas mulheres não apenas como centro da produção e construção do coletivo, mas igualmente como um bastião de manutenção do grupo.

Palavras-chave: mura, gênero, corporalidade

## **5 - A homossexualidade sob a lente espírita: uma imersão etnográfica em uma casa espírita de São Carlos** (Fernando A. S. Guimarães)

Considerando o papel fundamental da religião no processo de configuração da realidade social, bem como das subjetividades individuais, principalmente em se tratando de moral sexual e do



posicionamento conservador e político de grupos religiosos. O presente trabalho visa resgatar de maneira sucinta a história da homossexualidade, passando de sua significação pelos discursos religiosos e médicos, para compará-los com um novo discurso espírita propagado pelo médico homeopata Andrei Moreira, presidente da Associação Médica Espírita de Minas Gerais, em seu livro: A homossexualidade sob a ótica do espírito imortal. A partir da consideração dos fundamentos espíritas de imortalidade do espírito e reencarnação, Moreira explica como a homossexualidade tem de ser entendida como uma sexualidade normal, não devendo ser considerada desvio moral, doença ou transtorno psicológico. Por último, o trabalho discute questões de gênero e sexualidade a partir de uma imersão etnográfica em uma Casa Espírita da cidade de São Carlos, comparando as formulações discursivas à realidade cotidiana deste centro espírita.

Palavras-chave: sexualidade, homossexualidade, espiritismo.

## **6 - Performance em Insurgência: “É pra Copiar ou Reescrever?” (Lais Gomes Borges)**

O trabalho a seguir busca interpretar a performance “É pra copiar ou reescrever?” produzida pelo Coletivo Zoooom, no ano de 2015. O Coletivo nasceu da iniciativa de quatro mulheres lésbicas, na Fazenda da Juta, bairro situado na Zona Leste da cidade de São Paulo. A performance tem como propósito trazer para a cena a diversidade sexual e de gênero da preferência, tendo como pano de fundo os conflitos provenientes do território-escolar. Assim ela traduz o encadeamento de um processo que fricciona uma centralidade nos condicionantes estruturais que inscreve nos corpos, sexualidades, gêneros, etnias, classes sociais. Deste modo, orientada, sobretudo pelos métodos de análise de Victor Turner (1997), procuro investigar as noções de liminariedade, estrutura e *communitas* (antiestrutura) em diálogo com as concepções de ritual, drama social e performance, dos quais é indispensável compreender que para os a vida social é, para os indivíduos, um tipo de processo que abrange experiências sucessivas do alto e do baixo, de *communitas* e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade.

Palavra chaves: Performance, gênero e drama social

## **GT 5 - Práticas esportivas e corporalidades**

**Sessão única** (23/11 - quinta-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedores: Carlos Eduardo Costa (UFSCar) e Yasmine Ávila Ramos (UFSCar)

Local: Auditório do Departamento de Ciências Sociais

### **1 - Samba em competição: corpo e dança no carnaval paulistano (Felipe Gabriel de Castro Freire Oliveira)**

A presente proposta de trabalho tem como objetivo refletir como a competição (ou concurso) das escolas de samba de São Paulo pode ser uma perspectiva de rendimento para a análise da dança, dos corpos e das formas de conhecimento que integram essas práticas. Para tanto, será levado em consideração o elemento do casal de mestre-sala e porta-bandeira da escola Vai-Vai, uma das mais antigas da cidade. Essa figura é responsável por ostentar uma bandeira com o símbolo da escola de samba e realizar uma dança específica de reverência e apresentação ao público - diferente de “sambar”, algo proibido ao casal, que se aproxima de um “bailado enamorado”, mas executado no ritmo do samba. É também um dos dez quesitos utilizados pelo júri que avalia o desfile carnavalesco como um todo, fator que promove um processo de preparação e criação. Trabalhos desde Johan Huizinga a Loic Wacquant, importantes para se entender o jogo e a fabricação do corpo, como os mais recentes de Leda Martins, Paola Jacques e Renata de Sá Gonçalves, pertinentes na discussão sobre conhecimento e dança, por exemplo, serão de contribuição profunda para o estudo. Pretende-se, dessa forma, mostrar como a

atuação do casal indica uma perspectiva produtiva sobre o papel da competição na discussão sobre corpo.

Palavras-chave: dança, competição, escola-de-samba

## **2 - Entre a esportificação e a militarização: artes marciais e violência no adestramento policial militar (Lucas Alexandre Pires)**

Neste trabalho exploro o uso das artes marciais esportificadas como meios de adestramento militar no “uso da força” e violência. Instituições policiais militares brasileiras introduzem seus agentes em treinamentos desportivos de combate que replicam a guerra por outros meios, convertendo-os em armas a serviço estatal. Abordo este processo através de dados obtidos em campo nos cursos de formação da Polícia Militar, onde o Jiu-Jitsu, o Judô, o Karatê e outros desportos marciais constituem parte do treinamento físico policial militar. Além de serem treinadas seguindo os preceitos tradicionais, os desportos marciais passaram por um gradativo processo de militarização onde as técnicas de combate foram convertidas ao uso “operacional” dos policiais militares nas ruas e missões. Tais técnicas passaram a compor o currículo da disciplina de Defesa Pessoal, obrigatória nos cursos de formação da instituição, cujo objetivo seria capacitar o policial a munir-se de seu corpo como uma “arma natural” em casos onde fosse necessário seu emprego em “legítima defesa”. Essa conversão do desporto em tática implica, como queremos relatar, em uma suspensão das regras e do controle da força física e da violência por parte de meus interlocutores, culminando em sua afluência nas ruas durante abordagens junto à sociedade civil.

Palavras-chave: Treinamento militar; artes marciais; violência

## **3 - Cavaleiros, lembranças e pegadas de boi no sertão de Pernambuco (Renan Martins Pereira)**

Nesta apresentação, buscarei desenvolver algumas questões abordadas na minha dissertação de mestrado sobre os vaqueiros do município de Floresta, sertão de Pernambuco. Em recente etnografia, analisei uma atividade praticada há séculos nos sertões do Nordeste, a pega de boi – a qual deu origem a duas modalidades de vaquejada: a vaquejada de mourão (em parques fechados) e a pega de boi no mato (na caatinga). Nelas, vaqueiros e animais atestam a sua destreza, temperança, sabedoria e habilidade, uma vez que estão em jogo o contato com o território, a codificação do espaço e a velocidade dos corpos. Em contrapartida, vaqueiros mais velhos revelam que nos tempos de outrora não se lutava com o gado apenas por lazer ou esporte. Antigamente, o rebanho de gado era selvagem, recaindo sobre o homem do campo a função de domá-lo e comercializá-lo. Hoje em dia, em contrapartida, o gado é manso, e os cavaleiros já não são habilidosos e corajosos como os de antes. A partir dessas diferenças, meu objetivo nesta apresentação será demonstrar que, no seio de uma prática em que diferentes intencionalidades buscam triunfar umas sobre às outras, os vaqueiros agenciam uma série de sacrifícios, exercícios e técnicas voltada à construção de seus próprios corpos.

Palavras-chave: vaqueiro; corpo; vaquejada.

## **4 - O que as flechas do Kyudo e a etnia Potiguara nos contam no seu trajeto entre passado e presente em suas cerimônias e rituais (Sônia Maria Neves Bittencourt de Sá)**

Este estudo envolveu dois eventos realizados na Paraíba em 2016: O IV Jogos Indígenas Potiguaras, em Tramataia, Marcação e ao XI Festival do Japão, no Espaço cultura da Energisa, em João Pessoa. Em ambos analiso a prática do arqueirismo dentre as varias celebrações que caracterizam estes eventos. No caso do arqueirismos potiguara, ele foi ritualizado em forma de competição e como parte que compõe a indumentária junto com as lanças no ritual de Toré. Já a prática do arqueirismos milenar japonês- Kyudo-, ocorreu uma demonstração de sua tradição na perspectiva do Bushidô (união espírito e físico), que se afasta das técnicas de combate (bujutsu) embora conserve as maestrias dos antigos Samurais. O método de análise situacional permitiu a descrição pontual do arqueirismos nos dois dias de eventos e com isto traçar uma

série de análises e reflexões sobre os problemas teóricos que envolvem os rituais, as performances, as tradições e as culturas dentro de um escopo de estudos realizados ao longo do ano. O objetivo é buscar compreender como as práticas do arqueirismo refletem as cosmologias destes dois povos e como estes eventos envolvem o conceito de patrimônio imaterial em suas celebrações.

Palavra chave: Celebrações, arqueirismo e práticas corporais

### **5 - Meu corpo, minhas regras (médicas?): etnografia, comunidades virtuais e a representação dos corpos entre pacientes de cirurgia bariátrica** (Vinicius Kalebe Alves Viana)

Aparentemente, nós, enquanto sociedade, ainda não aceitamos que todos os corpos são diferentes, mesmo os mais similares. O mundo está cheio de fórmulas mágicas que prometem mudanças corporais com o objetivo de encaixar corpos em padrões quase inalcançáveis. São dietas absurdamente restritivas, medicamentos que sequer foram minimamente testados, atividades físicas que facilmente levam o corpo a exaustão, técnicas de “embelezamento instantâneo”, *shakes*, pílulas, ervas, intervenções cirúrgicas, etc., etc. e etc. Todo dia surge uma nova descoberta que promete algo diferente. A cirurgia bariátrica entra como um recurso, uma fórmula mágica no processo de busca pelo corpo perfeito. O processo, para quem vai passar pela cirurgia, é complexo, longo e lento. Para além das exigências que o tratamento exige, torna-se imprescindível considerar campos como a subjetividade do sujeito que passa pelo procedimento. O objetivo dessa pesquisa é compreender como os pacientes percebem seus corpos ao longo do processo dentro de uma sociedade que age como reguladora dos corpos alheios fazendo com que muitos acabem buscando um padrão que não existe. Como método, tenho o trabalho etnográfico e a observação participante.

## **GT 6 – Raça e Etnia**

**Sessão única** (22/11 - quarta-feira, 14:00 – 17:00)

Debatedores: Victor Hugo Kebbe (UFSCar), Tamires Cristina dos Santos (UFSCar)

Local: AT 8 Sala 180

### **1 - O branco e o colorido: nomes e etnônimos dos falantes de língua Karib do Alto Xingu** (Diogo Henrique Cardoso)

Com o intuito coletivo de debate oferecido pelo GT, esta apresentação tem como objetivo analisar alguns desafios quanto a etnoclassificação dos coletivos falantes de língua Karib do Alto Xingu. São eles: os Kalapalo, Kuikuro, Matipu e Nahukwá (Parq. Indígena do Xingu, MT/Brasil), povos que se distribuem entre pelo menos quinze diferentes aldeias, nem sempre sendo possível ter certeza de sua vinculação étnica, dado a característica de se autodefinirem como “misturados”. A partir de alguns dados sobre a história desses povos, da experiência adquirida pela pesquisa de campo numa pequena aldeia Kalapalo, e de algumas imagens verbais utilizadas por meus interlocutores para descreverem a si mesmos ou a suas comunidades, proponho uma reflexão em torno da noção de etnia como sendo um método de visibilização das relações sociais capaz de auxiliar a pesquisa antropológica, mas também viciosamente flexionado no sentido de uma abstração e homogeneização das diferenças.

Palavras-chave: Alto Xingu, Etnonímia, Mistura

### **2 - “Todo mundo aqui é negro!”: identidades e significados na construção da pauta política do genocídio negro** (Evandro Cruz Silva)

Este texto tem como proposta apresentar os pontos trabalhados em meu projeto de pesquisa que tem como objetivo geral compreender a construção do genocídio negro enquanto pauta política capaz de articular diferentes movimentos em suas diferentes produções e significações identitárias. O ponto de partida desta pesquisa se dará no acompanhamento dos movimentos da “Rede de Proteção e Resistência contra o Genocídio” que tem como bandeira a articulação de diversos movimentos negros e de periferia da cidade de São Paulo na construção de pautas e ações de proteção e resistência para negros periféricos. A rede é composta por coletivos com diferentes significações sob a categorização da negritude periférica: coletivos culturais, feministas, de ativismos legais, movimentos de moradia, entre outros que carregam consigo significados diferentes sobre conceitos como negritude, periferia, vulnerabilidade, luta e resistência. A partir destas percepções proponho dois objetivos específicos: a) compreender como as especificidades identitárias dos diferentes movimentos se apresentam e se ressignificam na proposição de ações, discurso e movimentos da Rede b) compreender como tais diferenças se transformam ao adotarem a bandeira unitária da “proteção e resistência contra o genocídio”.

Palavras Chave: Identidade, Política, Genocídio Negro.

### **3 - Impasses no reconhecimento dos índios como sujeito de direitos: uma análise crítica do direito indigenista (Maucir Pauletti e Pedro Sergio Dantas da Silva Carvalho)**

No processo de ocupação da América Latina, os direitos dos povos originários, que aqui se encontravam, foram ignorados diante à expansão europeia. No Brasil havia, em média, 8 milhões de índios das mais diversas etnias, com uma pluralidade étnica incalculável, que, por diversos fatores foram, ao longo da história, exterminados. Subjugados, tiveram apenas duas alternativas, as guerras ou a escravidão ou, ainda, a integração à sociedade civil chegando em abandono ao seu modo de ser e de viver. Este pensamento integracionista permaneceu por toda a história do Brasil, vindo a ser derrubado, ao menos formalmente, pela Constituição de 1988. Nesse contexto, por meio de uma revisão bibliográfica direcionada e um procedimento metodológico indutivo-analítico, busca-se identificar os impasses no processo de reconhecimento dos índios como sujeitos, como cidadãos brasileiros, etnicamente diferentes. Observou-se que o não reconhecimento dos direitos dos povos indígenas dar-se-á por conta da ganância da elite dominante e pela irracionalidade que domina os processos epistêmicos de suas práticas indigenistas, bem como, ainda, pela colonialidade que paira sobre o povo brasileiro e que impede o devido reconhecimento dos povos originários como sujeitos de direitos.

Palavras-chave: Indígenas; Pluriétnicidade; Processo de Reconhecimento dos Direitos.

### **4 - O refúgio da loucura: raça e etnia em um serviço de saúde mental para refugiados na cidade de São Paulo (Alexandre Branco Pereira)**

A presente pesquisa, que se encontra ainda em seus estágios iniciais, se destina a etnografar refugiados atendidos por serviços de assistência em saúde mental especializados no lide com tal população na cidade de São Paulo. Inscursões iniciais a campo foram feitas durante a primeira metade de 2017, que resultaram em um levantamento de questões interessantes para a reflexão acerca dos temas de raça e etnia. O binômio “refugiado(a) – negro(a)” se coloca como relevante para a compreensão do contexto analisado, seja através da análise das falas dos sujeitos refugiados, seja pelos discursos acionados pela equipe da instituição. Além disso, também se observou que categorias como raça e etnia são frequentemente acionadas para informar diferenças que, supõe-se, marcam a percepção da necessidade de intervenção em saúde mental por parte desses serviços, e conformam a assistência em saúde mental prestada por essas instituições como uma espécie de “etnoterapia”. A discussão desses resultados se torna, portanto, fundamental para apontar possíveis caminhos futuros para a pesquisa.

Palavras-chave: refúgio; raça; etnia.

### **5 - Sou médico, negro e migrante: reflexões sobre o filme “bemvindo a Marly Gomont (Rogério Macedo Ramos)**

Esse texto explora questões raciais e migratórias através do filme “Bem-vindo a Marly Gomont” (2016). Baseada na vida do médico Seyolo Zantoko, essa comédia dramática explora a trajetória migratória e o difícil processo de inserção de uma família congolesa no interior da França. Pretendo examinar os conflitos vividos por Zantoko e sua família em relação a questão da cor, os desafios do idioma francês e as limitações impostas pelo visto de trabalho, em Marly Gomont. Para tanto, utilizarei a relação estabelecidos- outsiders de Elias e Scoltson (2000) para compreender tais conflitos socioculturais nos espaços estabelecidos. Ela será complementada por autores que exploram migração e temas raciais. Através dos estudos de Sayad (2000), discutiremos as dificuldades de Zantoko e seus filhos para estabelecer relações na sociedade de imigração. Por outro lado, como a mesma reage a esse processo. Fanon (2008) e Hasenbalg (2006) contribuem para refletirmos os aspectos de inferiorização dos negros e das desigualdades raciais observados no filme. Assim, proponho através dessa apresentação refletir sobre dois temas de grande relevância para as ciências sociais - raça e migração - e como o uso de filmes nos possibilitam explorá-los em diferente perspectiva.

Palavras chave: migração, questões raciais, espaços sociais.

## **6 - Suicídio e memória: Manejando as relações de vida e morte, entre os Karajás de Ibutuna (Sofia Santos Scartezini)**

Discutir sobre a morte e o luto impulsiona teoricamente a explorar as formas como a população indígena karajá lida com esses acontecimentos, mas também chama atenção aos avultados e recorrentes casos de suicídio que ocorrem nesta população indígena. Iniciei minha pesquisa com a população karajá da aldeia Ibutuna, em 2013, durante a graduação e atualmente no mestrado, sigo acompanhando ao longo destes cinco anos os casos de suicídio, mais comum entre homens e jovens. A aldeia Ibutuna está localizada ao longo do Rio Araguaia, na porção nordeste da Ilha do Bananal na divisa entre Mato Grosso e Tocantins. Em 2013, a aldeia hodierna, possuía cerca de 96 habitantes e em 2017 os dados são de 116 pessoas, sendo 54 crianças e 30 adultos, que estão dispostas nas 15 casas que circundam o kubé - pátio - da aldeia. Os karajás são falantes da língua inyarabé, pertencente ao tronco linguístico macro-jê.

Palavras – chaves: Karajás; morte; Brasil Central.

## **Minicursos**

### **Minicurso 1: Etnografias multiespécies: humanos e não humanos em engajamento.**

Data: 21 e 22/11 – 17:00 às 18:30

Local: Auditório do LIDEPS

Ministrantes: Gabriel Sanchez, Luisa Fanaro, Sarah Moreno, Tullio Maia (Mestrandos PPGAS - UFSCar)

Debate clássico no interior da teoria antropológica, as relações entre humanos e outros seres não-humanos vem tomando novas formas dentro da disciplina, proporcionando encontros inesperados e novas perspectivas para se tomar as relações sociais e o que está para além delas. Dessa forma, desloca-se o ser humano do centro das atenções e passa-se a incluir outras formas de vida – animais, vegetais, fungos, protozoários, bactérias – e mesmo aqueles que estão no limiar entre ser ou não vivo, tais quais os vírus. As relacionais e conexões, assim, desdobram-se na criação e sustentação

de laços, conhecimentos, relações, conceitos e novos meios de se engajar no e com o mundo. Sendo assim, humanos e não humanos coevoluem e co-constituem-se em seus mundos, trazendo uma gama de possibilidades de abordagem a partir do pensamento antropológico. Dá-se vez a pensarmos-nos à luz das “danças de encontros”. Desse modo, o presente minicurso propõe a discussão do tema dos engajamentos entre humanos e seres não humanos em duas sessões: primeiramente, tratando da teoria antropológica mais cara ao tema, perpassando por autores de destaque na área, como Tim Ingold, Bruno Latour, Donna Haraway, Eduardo Kohn e Stefan Helmreich. Em seguida, serão discutidas etnografias recentes, orientadas pelos encontros multiespecíficos em que humanos e não humanos só podem ser compreendidos se olhados como mutuamente constituídos e constituintes num emaranhado de vidas.

### **Minicurso 2: Caos Criador: antropologia, filosofia, magia e arte como ferramentas de criação de si mesmo e de novos mundos**

Data: 21 e 22/11 – 17:00 às 18:30

Local: AT 2 Sala 30

Ministrante: Ulisses Ponte (Mestrando PPGAS - UFSCar)

O mundo dos feiticeiros e dos esotetistas, assim como o mundo das criações artísticas, nos oferecem um flerte com uma espécie de princípio que anuncia a “quebra de si mesmo”, ou, em outras palavras, o mergulho no caos como uma espécie de método criador. Os modos de existências espiritualizados da contemporaneidade nos fornecem elementos interessantes na formação de uma máquina-abstrata altamente original quando tratamos da questão da criação. É no sentido de nos deixarmos acoplar com estas máquinas espiritualizadas que poderemos pensar na produção da prática antropológica enquanto inventora e criadora. O misticismo, a arte, a magia e a filosofia, nos servirão de instrumentos reflexivos de nós mesmos enquanto produtores de artefatos antropológicos. Afinal, a antropologia se trata de uma ferramenta de composição da realidade que não se determina apenas pela análise e observação, mas também por criação e produção de novas possibilidades de vida. É neste sentido que devemos nos atentar para a produção de nós mesmos enquanto antropólogos, questão que irá revelar uma preocupação com os tipos de agenciamentos e acontecimentos que nós oferecemos a nós mesmos e que reverberarão no produto final de nosso trabalho.

### **Minicurso 3: Normas ABNT e introdução aos softwares de gerenciamento de citações e bibliografia**

Data: 23/11 – 17:00 às 18:30

Local: Auditório do LIDEPS

Ministrante: Allan Wine (Mestrando PPGAS - UFSCar)

O objetivo deste minicurso é apresentar e desenvolver conhecimentos práticos acerca das normas ABNT de citação e construção de bibliografias, além da utilização do Zotero, um software que realiza tais tarefas de forma automatizada e que permite um gerenciamento de funções bibliográficas fundamentais para a atividade acadêmica. Para tanto, realizaremos um estudo das normas NBR 10520 e NBR 6023, visando apreender as determinações específicas da ABNT para, então, aplicá-las e automatizá-las por meio do Zotero. As atividades serão realizadas por meio de datashow, com acompanhamento e explicação de cada caso englobado pelas normas e sua aplicação

no software. Pedimos, àqueles que puderem, que tragam seus próprios notebooks, embora também seja possível acompanhar a atividade por meio de anotações. O minicurso não requer conhecimentos prévios nem demanda noções avançadas de informática. Busca-se, em suma, que os inscritos adquiram conhecimento prático para organizar e gerenciar seus conjuntos bibliográficos da forma mais eficiente e menos custosa possível, a fim de autonomizar funções repetitivas e permitir o direcionamento de esforços para a atividade científica em si.